

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CRISTINA SANTOS FERRARI DE ALMEIDA

O CONCEITO DE MERCADORIA EM KARL MARX

GUARULHOS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

CRISTINA SANTOS FERRARI DE ALMEIDA

O CONCEITO DE MERCADORIA EM KARL MARX

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
da Universidade Federal de São Paulo
como requisito parcial para a obtenção de
título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Rodnei Nascimento

Guarulhos

2015

CRISTINA SANTOS FERRARI DE ALMEIDA

O CONCEITO DE MERCADORIA EM KARL MARX

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
da Universidade Federal de São Paulo
como requisito parcial para a obtenção de
título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Rodnei Nascimento

Aprovação: ____/____/____

Professor Dr. Rodnei Antonio do Nascimento

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Professor Dr. Silvio Rosa Filho

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Professor Dr. Gilberto Tedéia

Universidade de Brasília (UnB)

Sumário

Introdução	5
1 – Crítica à Economia Política.....	9
1.1 A retomada de Marx acerca da economia política.	9
1.2 - O Método da Crítica à Economia Política.....	18
2. A Análise do conceito de Mercadoria	25
3- A forma-dinheiro.....	36
3.1 A circulação do dinheiro.....	47
4. O Trabalho	59
4.1 - O Trabalho Abstrato.....	59
4.2 - A Força de Trabalho	68
5. O Fetichismo da Mercadoria	81
6. Conclusão	93
7. Bibliografia	95

Introdução

A mercadoria a princípio parece ser um objeto, um produto empregado por trabalho humano com o intuito de satisfazer suas necessidades. Por exemplo, uma peça de roupa é uma mercadoria, assim como os alimentos, os eletrodomésticos, tudo parece ser mercadoria e mercadoria parece ser produto, a única diferença visível é que mercadoria já está vinculada ao mercado. Então, qual a importância de se estudar esse conceito?

A mercadoria, para nós é, antes de tudo, uma forma social, o que a distingue de um mero produto. Não é somente uma peça de roupa, mas é uma peça de roupa que comporta também um valor de troca que não está intrínseco à sua constituição natural. Essa forma social constitui, no pensamento de Marx, a forma mais elementar e básica para se compreender o sistema capitalista. Longe de ser apenas uma coisa, ela é antes uma relação social que abarca a forma como o trabalho nessa sociedade se expressa.

A natureza da mercadoria é dupla, possuindo o valor de uso e o valor de troca. E essa duplicidade não existe em separado, mas constituem dois polos opostos que habitam a mesma mercadoria. Essa contradição é expressa em todas as categorias econômicas desse sistema e por isso a necessidade de expor esse movimento, de compreender como a articulação das categorias desse sistema se dá.

Assim, o estudo desse conceito consiste no estudo da sociedade capitalista e de seus limites. Marx retoma a leitura dos economistas políticos clássicos a fim de compreender mais essa organização social. Porém, tanto Smith como Ricardo, os principais representantes dessa área, esbarraram em pontos cruciais, sem esclarecer o motivo pelo qual o sistema produz riquezas e também desigualdades. Eles, de modo geral, entendem que o motor dessa sociedade, o que produz riquezas é o trabalho, porém não articulam essa categoria com as demais, acarretando numa leitura unilateral do sistema, sem equiparação com a realidade posta.

Eles não partiram do conceito de mercadoria, e também pretendiam mostrar a realidade baseados na lógica da não contradição, influenciados pelo pensamento clássico kantiano. Marx recorre à dialética, a sua maneira, para abarcar os pontos

contraditórios desse sistema e mostrar, como dessas contradições, outras categorias surgem e se relacionam.

Marx parte da mercadoria e desdobra categorias fundamentais como o dinheiro e o trabalho, enfatiza a circulação simples entre mercadorias e dessa desdobra para a circulação do capital. Sempre ressaltando, portando o caráter contraditório dessa forma social, desse sistema que está baseado na propriedade privada dos meios de produção.

Essa exposição do Marx nos esclarece, por exemplo, a natureza do dinheiro e como ele surge, o que ele representa. Como entre trocas de mercadorias o dinheiro é estabelecido, isso ele mostra no primeiro capítulo de O Capital. O que fica ainda mais intenso é a maneira como o dinheiro se articula na sociedade capitalista, ressaltando a maneira peculiar como esse modo de produção capitalista se diferencia dos demais tipos de organização social. A crítica de Marx aos economistas enfatiza o argumento de que esse sistema é transitório, não constitui o ponto máximo, a realização de todas as capacidades humanas. Esse vislumbre esconde um sistema baseado na exploração do trabalho e na desigualdade que desemboca em crises destrutivas.

E mesmo uma das ideias básicas da revolução francesa, a igualdade entre os homens é vista aqui como um momento em que a troca de mercadorias se reveste para produzir cada vez mais capital, cada vez mais desigualdade. Portanto, é um sistema contraditório, que produz riquezas e desigualdades, concentrando muito dinheiro para poucos e privando os demais da participação nessa riqueza.

O valor que se encontra cristalizado na mercadoria é observado na medida em que analisamos a troca entre duas mercadorias, e essa troca abarca toda a relação fundamental presente em todas as constituições desse sistema. Assim, mostraremos que o valor da mercadoria é uma construção social, longe de ser um atributo da sua própria natureza, aliás, outro ponto criticado por Marx aos economistas clássicos que formularam uma certa naturalização do valor dos produtos.

A mercadoria, então, existe apenas em um tipo de sociedade, a capitalista e sua natureza dupla só vigora em uma sociedade onde as mercadorias são trocadas visando o trabalho socialmente necessário para a produção, o trabalho abstrato. As particularidades de cada trabalho são desconsideradas na troca, servindo mesmo de meio para que o valor se valorize. O fim dessa sociedade passa a ser não a satisfação das

necessidades dos produtores de mercadorias, mas a valorização incessante de dinheiro, a obtenção de mais-valia, sem consideração pela maneira como ela é distribuída.

A inversão do movimento dessa sociedade Marx designou de fetichismo da mercadoria responsável por criar relações invertidas, como se o mundo também se invertesse. As relações sociais se dão entre as mercadorias. Isso ocorre porque o produtor de mercadorias, nesse ponto do desenvolvimento categorial de Marx, encontra-se separado, isolado do todo social e só se relaciona consumindo mercadorias produzidas por trabalho alheio. Essa troca de mercadorias, tão vigente nessa sociedade de consumo, mostra o caráter invertido das relações sociais. As pessoas não possuem consciência disso e acreditam, por isso, que as mercadorias se trocam porque possuem um valor natural que permite essa troca. Por isso, a importância fundamental do estudo da mercadoria, sem a qual não se pode compreender o sistema capitalista em todas as suas dimensões.

O nosso ponto de partida será a retomada da crítica feita por Marx acerca da economia política. Ele ressalta os impasses que Smith e Ricardo se depararam, pois não conseguiram pensar esse sistema como contraditório.

Em seguida, pretendemos mostrar o método de Marx para se estudar o movimento do capital, a saber, a dialética materialista. Entendida de forma distinta daquela desenvolvida por Hegel, a dialética para Marx fornece a compreensão de um sistema contraditório, pois o capitalismo está baseado na contradição mais geral presente na forma social predominante, a forma mercadoria. É de crucial importância ressaltar que, para Marx, os desdobramentos das categorias desse sistema não são concebidos partindo de sua evolução histórica, a maneira como eles surgem no processo histórico. Eles são desenvolvidos a partir da relação mais fundamental, a mercadoria, para se voltar ao concreto desse sistema e compreendê-lo em todas as suas determinações. O método, portanto, não está desvinculado do objeto por ele analisado, o próprio movimento do capital é dialético.

Após esse ponto, mostraremos a análise da mercadoria presente no capítulo 1 de O Capital, como de sua relação derivam outras categorias, a saber, o dinheiro, o trabalho. O capítulo seguinte consiste em esclarecer sobre o dinheiro na sua circulação simples e também no papel que ele desempenha na circulação do capital. Escolhemos por

desenvolver as categorias dinheiro e trabalho na sua relação básica presente na circulação simples e também como esta se desdobra para a circulação do capital. Não pretendemos aqui abordar toda a complexidade da circulação do capital e sim ressaltar como a desigualdade se torna cada vez mais acirrada com o surgimento dessa categoria, o capital. O dinheiro se transforma em mais dinheiro e para isso ele recorre à um tipo específico de mercadoria que produz esse valor excedente. Essa mercadoria, o trabalho, é vista agora de um ponto de vista mais complexo do que o constatado na circulação simples, o trabalho assalariado resalta esse sistema irracional que transforma a força de trabalho como uma mercadoria, tendo o seu valor equiparado a outras mercadorias. O trabalhador encontra-se cada vez mais destituído dos seus meios de produção e por isso a necessidade de vender a sua força de trabalho para obter mercadorias necessárias a sua sobrevivência. Cada vez mais desumano, o trabalho agora serve de meio para o dinheiro se valorizar, como se este fosse dotado de vida própria.

Encerrado esse capítulo, caminhamos para o capítulo final sobre o fetichismo da mercadoria que resalta a alienação do trabalhador mediante o seu trabalho e que situa a mercadoria e o dinheiro como agentes de um movimento responsável por subordinar cada vez mais o trabalho humano a produzir riqueza social desigual. As mercadorias se relacionam entre si, posicionando os seus trabalhadores em meros indivíduos de uma massa global em que prioriza o trabalho abstrato, trabalho humano geral como medidor do valor cristalizado nas mercadorias. Agora, o sujeito não é mais a pessoa, ou as pessoas e sim, o capital se torna cada vez mais sujeito e orienta um movimento irracional de produção demais-valor e, em contrapartida, de desigualdades.

1 – Crítica à Economia Política

1.1 A retomada de Marx acerca da economia política.

Em sua obra de maturidade, Karl Marx desenvolve a crítica à economia política clássica e articula o seu pensamento nos desdobramentos das categorias utilizadas pelos economistas, porém elas adquirem um novo significado no curso argumentativo de Marx. Sua crítica está baseada na análise interna das categorias desenvolvidas por esses autores da economia política, com a finalidade de mostrar como o pensamento desses teóricos entra em contradição com o sistema capitalista, sem explicar de fato o motivo pelo qual essas contradições ocorrem. Eles defendem uma concepção do valor produzido pela sociedade capitalista que não comporta todas as suas determinações, eles se contradizem no percurso de seus argumentos. O ponto fundamental para a compreensão desse sistema, abrangendo suas contradições e sua lógica interna, parte do estudo do conceito da mercadoria, por ser esta a forma elementar da sociedade burguesa¹ e, por ser a forma mais geral, constitui também o ponto de partida para o desdobramento das demais categorias capitalistas, a saber, o trabalho, o dinheiro, o capital. E é nessa forma geral que observamos a lei do valor que rege a sociedade capitalista e como, das contradições desse sistema, surgem outros conceitos que também dizem respeito ao sistema como um todo, por exemplo, a categoria trabalho que é desdobrada da forma mais geral, a mercadoria.

Outro ponto importante é que essa relação entre mercadorias não é algo dado, oriundo da natureza, mas sim uma construção social específica do sistema capitalista. A relevância da crítica de Marx é mostrar a concepção burguesa da sociedade que naturaliza o processo de produção do valor e com isso não compreende as limitações do sistema e muito menos sua superação. O que essa aparência da naturalidade da mercadoria esconde? A lei do valor mostra que a igualdade entre mercadorias é necessária para que a troca se realize, porém essa igualdade esconde uma sociedade dividida entre os detentores dos meios de produção, de um lado e, de outro, as pessoas que precisam vender sua força de trabalho para subsistirem. Ou seja, a naturalização do

¹ MARX, Karl. O Capital. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1988. P. 45.

conceito de mercadoria camufla a exploração do trabalho e a lógica do sistema capitalista que tem como prioridade a sua valorização constante.

Como é produzido o valor no sistema capitalista? Qual o valor presente na constituição da mercadoria? O que ele expressa? São essas questões que norteiam os argumentos de Marx acerca da mercadoria e que confirmam a importância de perceber os desdobramentos que se originam dela. Os economistas políticos, partindo dos fisiocratas em geral e caminhando para o pensamento de Adam Smith e David Ricardo, estudaram a produção do valor, porém tendo como início da investigação outros aspectos, por exemplo, no caso dos fisiocratas, o ponto de partida deriva da terra, da produção agrícola. O que veremos é que essa maneira de entender a produção do sistema capitalista acarreta em obstáculos apontados por Marx que não foram resolvidos por esses teóricos, pois eles partem dos aspectos mais imediatos encontrados no sistema capitalista e não conseguem continuar coerentes com uma teoria acerca da sociedade que visa à harmonia do sistema capitalista. Ou seja, eles se contradizem e não confirmam a lei do valor que formularam para a compreensão da sociedade em voga.

A economia política surge como ciência a partir do século XVII e tem como objetivo a explicação da riqueza produzida na sociedade capitalista, demonstrando como os produtos eram produzidos e a maneira como eram distribuídos na troca entre mercadorias. Importante ressaltar que para os teóricos da economia política, a sociedade capitalista teria como meta a harmonização das trocas que seriam naturalmente regularizadas pelo mercado. De acordo com Belluzzo: “essa preocupação com a ‘lei natural’ pressupunha a identificação de um princípio unificador que reduzisse todos os fenômenos da vida econômica a um sistema inteligível e coerente.”² Esse aspecto natural é visto como norteador da economia política, encontrando-se também em Adam Smith e David Ricardo, por isso é importante ressaltar, grosso modo, essa questão com o intuito de enfatizar a crítica feita por Marx que, em última instância, entende as relações entre as mercadorias como uma construção social, longe de aceitar que exista um valor natural oriundo dessas relações.

² BELLUZZO, Luiz G. de Mello. Valor e Capitalismo. São Paulo: Editora Bial, 1987. Pág. 19.

Os fisiocratas, uma das primeiras escolas do pensamento econômico, concebiam a sociedade mercantil em analogia ao organismo vivo³, pois acreditavam na harmonização das trocas de produtos oriundas dessa nova organização social. Quesnay, um dos principais representantes desse grupo, mostrava que a sociedade se dividia em três classes: a classe produtiva, a classe composta pelos proprietários e a classe estéril⁴. E o grupo responsável por produzir a riqueza era o primeiro grupo, a classe produtiva, na qual pertenciam os agricultores responsáveis pela produção dos produtos na sociedade mercantil. A classe 'estéril' é composta pelos trabalhadores das fábricas, o que mostra que o trabalho industrial era negligenciado por Quesnay, pois acreditava que apenas a agricultura produzia o valor excedente distribuído pela sociedade. Esse valor estaria ligado a uma concepção imediata de que a natureza, a terra, providencia todos os bens fundamentais a serem consumidos pela sociedade e o trabalho agrícola seria o responsável pela produção desse valor. O ponto importante para Marx é de que os fisiocratas perceberam que a produção de valor encontra-se no processo de produção, porém não conseguiram desenvolver o fato de que esse valor é uma relação social, constituída pela divisão social do trabalho, no qual os trabalhadores são separados dos seus meios de produção. Os fisiocratas “deslocaram a pesquisa sobre a origem do mais-valor da esfera da circulação para a da produção imediata, e assim lançaram o fundamento da análise da produção capitalista”⁵.

Outro ponto importante, como os fisiocratas se detiveram no aspecto mais imediato da produção de riquezas, o valor produzido pelos trabalhadores agrícolas está atrelado ao aspecto mais imediato do produto, ou seja, a sua utilidade, ao seu valor de uso. Segundo Helmut Reichelt: “Embora, o simples valor de troca constitua o ponto de partida da análise, e, no valor de uso, só interesse a quantidade - o excedente dos valores de uso produzidos em relação aos consumidos, portanto a mera relação quantitativa dos valores de uso entre si - , para os fisiocratas, o valor não é uma forma do trabalho social e o mais-valor não é mais-trabalho, mas o valor é, para eles, simples

³ Idem. Ibid.

⁴ Idem. Ibid.

⁵ MARX, Karl. Teorias da mais-valia. Volume I. São Paulo: Difel, 1987. Pág. 21.

valor de uso, matéria natural, e o mais-valor é simples dádiva da natureza, que substitui dada quantidade de matéria orgânica por uma quantidade maior de trabalho”⁶.

Por conseguinte, o trabalho também era visto como uma capacidade importante para a produção de produtos agrícolas, porém não era ele o principal fator para a produção do valor e sim, o valor encontrava-se na terra e se aprimorava com esse tipo de trabalho. De acordo com Belluzzo: “O trabalho era apenas um instrumento capaz de tornar esta fertilidade disponível, sob a forma de bens indispensáveis à vida humana, e o excedente aparecia, portanto, como um ‘dom da natureza’. No arcabouço da argumentação fisiocrática, o trabalho era constrangido a assumir a sua ‘naturalidade’ mais imediata e mais restrita: trabalho direto sobre a natureza”.⁷

É com Adam Smith⁸ que o trabalho ganha uma importância fundamental para a formação do valor. Nas palavras de Marx: “Um enorme progresso se deve a Adam Smith, que rejeitou toda determinação particular da atividade criadora de riqueza, considerando apenas o trabalho puro e simples, isto é, nem o trabalho industrial, nem o trabalho comercial, nem o trabalho agrícola, mas todas essas formas de trabalho”⁹. O que mede o valor de troca de uma mercadoria é o trabalho, não somente o trabalho agrícola, como o trabalho em geral e o autor comenta sobre a importância da divisão do trabalho numa sociedade em que a troca se torna cada vez mais importante para a satisfação das necessidades humanas. De acordo com Belluzzo: “A divisão do trabalho e sua consequente especialização transformam a troca num mecanismo indispensável para que o produtor individual atenda seu complexo de necessidades. Ou melhor, o atendimento dessas necessidades será logrado apenas e tão-somente se o produtor individual trocar o ‘excesso’ de seus produtos por outros bens. Isso significa que, para Smith, a divisão do trabalho transforma os trabalhadores não apenas em produtores,

⁶ REICHELTL, Helmut. Sobre a estrutura lógica do conceito de capital em Karl Marx. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. Pág. 107.

⁷ BELLUZZO, Luiz G. de Mello. Valor e capitalismo. Pág. 23.

⁸ SMITH, Adam. A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

⁹ MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. P. 16

senão em possuidores e vendedores”¹⁰ Ou seja, numa sociedade primitiva onde cada produtor é responsável pelo seu produto e que troca o restante para obter outros produtos de que necessita, o trabalho é o norteador da troca entre esses produtos.

O ponto que entra em contradição aqui é quando Smith tenta transpor essa lógica de uma sociedade primitiva para a sociedade capitalista desenvolvida, sem perceber a diferença entre ambas. Por exemplo, nessa sociedade primitiva os produtores possuem os seus instrumentos de trabalhos necessários para a produção de um bem. No caso da sociedade capitalista isso não ocorre, o que existe é essa ruptura fundamental entre a força de trabalho e os meios de produção. Segundo Belluzzo: “tudo isto está bem, enquanto Adam Smith analisa uma sociedade em que os produtores diretos são, ao mesmo tempo, possuidores e vendedores de mercadorias. Quando tenta transpor o mesmo raciocínio para a sociedade capitalista, onde as condições de trabalho (capital) pertencem a uma classe e a força de trabalho a outra, incorre em uma série de equívocos e confusões”¹¹.

Marx classifica duas formas de se entender a teoria do valor na obra de Adam Smith, uma sendo esotérica e a outra exotérica, isto é, a primeira consiste na quantidade de trabalho responsável pelo preço de cada produto e o que possibilita a troca¹². A segunda, exotérica, é a definição que ele atribui às formas originais de rendimento, a saber, o salário, a renda e o lucro. Assim, no estágio menos desenvolvido de sociedade¹³, o trabalho seria, a princípio, o responsável pelo valor de troca das mercadorias; no entanto, em uma sociedade plenamente desenvolvida¹⁴ (sistema

¹⁰ BELLUZZO, Luiz G. de Mello. Valor e Capitalismo. P. 24-25.

¹¹ Idem. Ibid. p. 25-26.

¹² Como afirmamos acima acerca da divisão do trabalho na sociedade primitiva de Smith.

¹³ Na obra de Adam Smith encontramos o seguinte argumento presente no capítulo VI ‘Fatores que compõem o preço das mercadorias’, pág. 49: “No estágio antigo e primitivo que precede ao acúmulo de patrimônio ou capital e à apropriação da terra, a proporção entre as quantidades de trabalho necessárias para adquirir os diversos objetos parece ser a única circunstância capaz de fornecer alguma norma ou padrão para trocar esses objetos uns pelos outros”.

¹⁴ Na sociedade capitalista o que gera o valor dos produtos, para Smith, está relacionado com esses fatores: salário, renda e lucro. Segundo Smith, na pág. 51; “Em toda sociedade, o preço de qualquer mercadoria, em última análise, se desdobra em um ou outro desses três fatores, ou então nos três

capitalista complexo), com o valor de trabalho acumulado anteriormente, seriam o salário, a renda e o lucro o que colocaria em movimento a troca e os responsáveis por determinarem os seus preços.

Para Marx, o problema é que Smith não consegue relacionar a primeira definição, o trabalho como origem do valor, com os desdobramentos do sistema capitalista na forma como este aparece. Smith não explica a troca entre mercadorias na complexidade que se encontra no capitalismo, nem mostra como o dinheiro surge ou a diferença entre o trabalho e o salário recebido e necessário para se consumir produtos. Jorge Grespan em seu artigo “Marx, crítico da teoria clássica do valor”¹⁵ sintetiza esse ponto: “Penetrar no interior é o caminho da primeira forma, que assim apreende a ‘fisiologia’ do sistema, sua estrutura orgânica e seu funcionamento, em que os diferentes elementos se complementam reciprocamente e se determinam como totalidade pela relação com seu fundamento. A segunda forma, apreende somente o exterior do processo, ‘tal como ele se mostra e aparece’, sem poder, por isso, dispor seus elementos ‘fisiologicamente’, organicamente, tendo de apresentá-los desvinculados uns dos outros, limitando-se a ‘catalogá-los’ e a ‘descrevê-los’ individual e isoladamente.” Ou seja, a relação como uma forma se desdobra do outra não é enfatizado.

Ou ainda, nas palavras do próprio Marx: “Na primeira parte deste trabalho, ao analisar a mercadoria, já mostramos como A. Smith hesita no tocante à definição do valor de troca. Particularizando: ora confunde a determinação do valor das mercadorias pela quantidade de trabalho vivo mediante a qual se pode comprar a mercadoria ou, o que dá no mesmo, com a determinação pela quantidade de mercadoria mediante a qual se pode comprar quantidade certa de trabalho vivo; ora substitui aquela por esta determinação. Faz então do valor de troca do trabalho a medida do valor das mercadorias. Na realidade faz do salário essa medida, pois o salário é igual à quantidade de mercadorias que pode ser comprada com determinada quantidade de trabalho vivo, ou igual à quantidade de trabalho que pode ser comprada com determinada quantidade de mercadorias. O valor do trabalho, ou antes, da força de trabalho, varia como o de

conjuntamente; e em toda sociedade mais evoluída, os três componentes integram, em medida maior ou menor, o preço da grande maioria das mercadorias”.

¹⁵ GRESPLAN, Jorge. Marx, crítico da teoria clássica do valor. Crítica Marxista, nº 12, p. 62.

qualquer outra mercadoria e em nada se distingue especificamente do valor das outras mercadorias. Faz-se aí o valor medida do valor e fundamento para explica-lo: um círculo vicioso, portanto”¹⁶ .

Essa ambiguidade na definição de valor é superada por David Ricardo que inicia o seu livro “Princípios de Economia Política e Tributação” ¹⁷ com a seguinte posição: “o valor de uma mercadoria, ou a quantidade de qualquer outra pela qual pode ser trocada depende da quantidade relativa de trabalho necessário para sua produção, e não da maior ou menor remuneração que é paga por esse trabalho” ¹⁸. Ou seja, é o tempo de trabalho que define o valor das mercadorias. O ponto importante para Marx é de que Ricardo mantém a concepção do valor como tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria na explicação das relações econômicas, mostrando uma “categórica ruptura com a contradição contínua de A. Smith entre o modo de ver esotérico e o exotérico”¹⁹ .

A questão é saber como relacionar essa teoria do valor, tendo como base a lógica da não-contradição, para explicar os fenômenos da economia capitalista que parecem negar, a primeira vista, o fato de que é o tempo de trabalho o valor das mercadorias. Assim, ele não consegue mostrar como uma categoria econômica se desenvolve em outra, ele apreende o imediato e tenta explicar os fenômenos pela lei do valor, sem mostrar as mediações pelas quais elas precisam chegar até se encontrarem nas formas mais imediatas. Desse modo, parece-nos que a lei do valor defendida por Ricardo é externa aos fenômenos que acontecem na economia, como o preço, a concorrência, o lucro, etc., acarretando numa unilateralidade do processo, sem mostrar por que a lei do valor parece não se adequar ao crescimento da taxa de lucro, por exemplo. De acordo com Belluzzo: “daí que Ricardo não tenha percebido que o desenvolvimento da forma mercadoria para a forma capital envolve necessariamente uma transformação da forma-valor que se manifesta, de imediato, na sua expressão quantitativa, o valor de troca. Na medida em que os produtos do trabalho são, agora, trocados como produtos do capital,

¹⁶ MARX, Karl. Teorias da Mais Valia I, p. 49.

¹⁷ RICARDO, David. Princípios de Economia e Tributação. São Paulo: abril Cultura, 1982.

¹⁸ Idem. Ibid. p. 43.

¹⁹ MARX, Karl. Teorias da Mais Valia II, p. 601.

interpõe-se, de fato, na determinação dos valores relativos, a existência de uma taxa média de lucro, o que implica na divergência sistemática entre valores e preço de produção. Ricardo, porém, ao invés de admitir esta divergência, supõe, desde o início, a identidade entre valores e preços de produção, e o faz de tal forma que estes acabam por absorver completamente aqueles”²⁰.

O que permeia a economia política é essa unilateralidade, e, por isso esses teóricos não conseguem captar as diferenças contraditórias que aparecem no sistema capitalista na sua formulação da teoria do valor que rege a sociedade capitalista. Novamente, segundo Belluzzo: “a ideia de ordem natural, marcadamente presente na argumentação fisiocrática, é transferida para a análise clássica, repercutindo imediatamente na forma pela qual a teoria do valor-trabalho é proposta”²¹.

Essa naturalidade mascara o que há de específico presente nessa sociedade. O ponto para o Marx é de que a sociedade capitalista é resultado de um processo histórico, onde os trabalhadores encontram-se separados dos meios de produção necessários para o desenvolvimento de seu trabalho. Assim, eles não se reconhecem nos produtos de seus próprios trabalhos, acarretando, também, em um tipo de sociedade que reproduz constantemente essas relações. Desse modo, para Marx, não existe uma harmonização final a qual almeja a sociedade capitalista, como se fosse naturalmente determinado. O que existe é a complexa desigualdade social já percebida na relação mais fundamental do sistema capitalista que consiste na troca simples entre duas mercadorias, pois ela reflete a contradição interna da própria mercadoria que é fruto de uma sociedade baseada na divisão social do trabalho, onde o trabalhador não possui os meios de produção para efetuar o seu próprio trabalho. Para isso, para obter mercadorias que satisfaçam suas necessidades, ele precisa entrar na lógica do mercado, produzir algo para outro, a fim de obter dinheiro (o desdobramento da forma-mercadoria, como veremos adiante²²) para, desse modo, consumir outro produto.

²⁰ BELLUZZO, Luiz G. de Mello. Valor e Capitalismo. P. 51.

²¹ Belluzzo, Luiz G de Mello. Valor e Capitalismo. P. 23.

²² No capítulo sobre a Análise da Mercadoria.

Portanto, a importância da crítica à economia política clássica nos mostra a relevância de estudar o movimento do capital tendo como início a investigação do conceito de mercadoria, por ser a relação mais geral desse sistema e perceber qual o valor que rege essa sociedade historicamente construída, mostrando o que existe de particular na teoria do valor que rege o movimento do capital. É nessa relação que encontramos a contradição constitutiva dessa forma de organização social baseada na exploração do trabalho, na separação da força de trabalho com os meios de produção. E essa contradição se reflete nas demais categorias que compõem toda a complexidade desse sistema, como a forma trabalho, a forma dinheiro, a forma capital, etc. Segundo o próprio Marx: “é uma das falhas básicas da Economia Política clássica não ter jamais conseguido descobrir, a partir da análise da mercadoria e mais especificamente, do valor das mercadorias, a forma valor, que justamente o torna valor de troca. Precisamente, seus melhores representantes, como A. Smith e Ricardo, tratam a forma valor como algo totalmente indiferente ou como algo externo à própria natureza da mercadoria. A razão não é apenas que a análise da grandeza de valor absorve totalmente a sua atenção. É mais profunda. A forma valor do produto do trabalho é a forma mais abstrata, contudo também a forma mais geral do modo burguês de produção, que por meio disso se caracteriza como espécie particular de produção social e, com isso, ao mesmo tempo historicamente. Se, no entanto, for vista de maneira errônea como a forma natural e eterna de produção social, deixa-se também necessariamente de ver o específico da forma valor, portanto, da forma mercadoria, de modo mais desenvolvido da forma dinheiro, da forma capital, etc.”²³

E como apreender o movimento contraditório dessa sociedade? Como articular essa teoria do valor com as formas mais imediatas que encontramos no capitalismo? Marx desenvolve o seu método e esse será o tema a ser desenvolvido no item a seguir.

²³ MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988. P. 76 – nota de rodapé 32.

1.2 - O Método da Crítica à Economia Política.

Para compreender o movimento da sociedade capitalista cientificamente, Marx nos mostra²⁴ a insuficiência de começar com um dado concreto e partir disso para uma abstração geral que abarque todo o movimento da sociedade. No exemplo do próprio Marx, quando almejamos conhecer algum país pensamos na população que o compõe como início da investigação, por acreditar que a população mostra um dado concreto, específico dessa organização e, portanto, coerente como ponto de partida para conhecer, de fato, essa determinada sociedade. Porém, se começarmos a análise pela população, percebemos que esta é uma abstração, pois ela tomada isoladamente não abarca as relações de classe, por exemplo, que as constituem. E mesmo se considerarmos esse aspecto, as relações de classe, esse conceito, quando destituído de todas as outras relações que o compõem, como o trabalho e o capital, também é uma abstração geral, sem respaldo na sociedade concreta. Ou seja, essa forma de compreensão da realidade perde vários aspectos constitutivos dela, acarretando numa leitura unilateral do objeto a ser analisado.

O método empregado por Marx e que abrange as relações constitutivas da sociedade é o que parte das abstrações mais simples para, em seguida, compreender a realidade concreta. Tendo como exemplo a questão da população, Marx sintetiza seu método da seguinte forma: “Assim, se começássemos pela população, teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a esse ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas”²⁵.

Começar a análise pela mercadoria é ter como concepção que essa é a relação mais geral, a mais simples que predomina no modo de produção capitalista. E depois disso, é necessário percorrer todas as relações até desembocar naquelas que se encontram de

²⁴ MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. P. 14.

²⁵ Idem. Ibid.

modo imediato e perceber como elas surgem e o que elas determinam, para, desse modo, compreender as relações concretas como “uma totalidade de determinações”. Para Marx, “o concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida da intuição e da representação”²⁶.

É de fundamental importância perceber que a abstração do método de Marx não é uma simples abstração, ela tem como pressuposto a realidade capitalista que ela pretende analisar, ou seja, essa abstração não é um conceito que pode ser destituído do objeto que ela investiga e expõe. Quando se estuda a relação de troca (usamos o mesmo exemplo de Marx²⁷) entre produtos, esse tipo de atividade existia em outras formas de organização social, por exemplo, na sociedade feudal existia troca entre os membros dessa sociedade. Existia também a divisão de trabalho em sociedades hindus e o dinheiro também era utilizado em diversos períodos históricos de organização social, como a romana, por exemplo. Esses conceitos existiam em outras sociedades, mas a forma como a relação de troca ocorre no sistema capitalista difere das demais formas de organização anteriores, porque tem como pressuposto a ruptura fundamental, a separação entre os proprietários dos meios de produção e os indivíduos que precisam vender a sua força de trabalho para conseguir salário e obter mercadorias necessárias a sua subsistência. E a forma como essas mercadorias aparecem é a característica fundamental, pois elas são imediatamente sociais, na qual o trabalho humano indiferenciado constitui valor para elas e é o que possibilita, por sua vez, a troca entre mercadorias²⁸. Assim, o dinheiro, o processo de troca, entre outros, ganham outro significado na sociedade analisada por Marx.

Ele refuta a ideia de que a sociedade capitalista estaria no ponto mais alto da evolução histórica, pois essa concepção entende que esta forma de organização é a última e eterna forma social, sem efetuar a crítica desse sistema, o que acarreta, no fundo, numa falta de compreensão do que vem a ser o próprio movimento do capital e

²⁶ Idem. Ibid.

²⁷ Idem. Ibid. p. 13.

²⁸ Discutiremos acerca do trabalho abstrato no capítulo sobre o trabalho.

como ele se constitui. Nas palavras do próprio Marx: “o chamado desenvolvimento histórico repousa em geral sobre o fato de a última forma considerar as formas passadas como etapas que levam a seu próprio grau de desenvolvimento, e dado que ela raramente é capaz de fazer a sua própria autocrítica, e isso em condições bem determinadas – concebe-os sempre sob um aspecto unilateral”²⁹. E é essa a característica do pensamento burguês, presente na economia política clássica que tem como base a lógica da não-contradição e que, desse modo, não sabe distinguir ou mesmo explicar como se originam essas contradições. Eles não percebem o sistema como contraditório e transitório.

Para possibilitar a crítica desse sistema abarcando todas as suas relações, Marx inicia sua trajetória com o conceito de mercadoria, por constituir a base do modo de produção capitalista, pois é na forma mercadoria que encontramos a contradição mais básica e que fundamenta todas as demais, a saber, a contradição entre valor de uso e valor de troca presente na natureza da mercadoria.

Ele não parte da forma mais desenvolvida, antes ele investiga a relação que está por trás e que comanda as formas mais imediatas encontradas no capitalismo. Numa passagem da Introdução de sua obra para a crítica da Economia Política, Marx sintetiza essa ideia: “Seria, pois, impraticável e errôneo colocar as categorias econômicas na ordem segundo a qual tiveram historicamente uma ação determinante. A ordem em que se sucedem se acha determinada, ao contrário, pelo relacionamento que têm umas com as outras na sociedade burguesa moderna, e que é precisamente o inverso do que parece ser uma relação natural, ou do que corresponde à série do desenvolvimento histórico. Não se trata da relação que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão das diferentes formas da sociedade. (...) Trata-se da sua hierarquia no interior da moderna sociedade burguesa”³⁰. No caso, a relação entre mercadorias é a relação mais geral desse sistema, que posteriormente, em sua forma mais desenvolvida, também se encontra na relação entre mercadoria e dinheiro e que se desdobra, por sua vez, culminando na relação entre trabalho assalariado e capital.

²⁹ Idem. Ibid. p. 18.

³⁰ Idem. Ibid. p. 19.

Desse modo, Marx recorre à dialética para captar o movimento do capitalismo e todas as suas determinações, com o intuito de não formular uma leitura unilateral do sistema que mostra somente o lado positivo, sem enfatizar e explicar como ocorre o aspecto negativo presente no modo de produção capitalista. A dialética para Marx é fundamental na compreensão do sistema capitalista, pois ela compreende esse sistema contraditório, mostra como essas contradições se originam. É importante ressaltar que a dialética de Marx difere da hegeliana, embora ele mesmo tenha confessado ser³¹, na época de sua juventude, discípulo das ideias de Hegel, numa época em que o estudo do pensamento hegeliano não estava em voga. Como ele mesmo diz no Posfácio da edição francesa de O Capital: “Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem”³².

A dialética de Marx, no entanto, se além somente ao desdobramento e crítica do capital, ela não é um método separado do seu objeto de estudo. Como o próprio Marx disse na citação acima, em Hegel a totalidade encontra-se resolvida na ideia e que possui sua expressão no real, enquanto que no pensamento de Marx, a totalidade é o capital, que, porém, não se resolve, pois está assentado na contradição que o constitui, na separação do trabalhador com os seus meios de produção que se encontram privatizados, polarizando, assim, dois lados da mesma relação. Como ele é contraditório no seu fundamento, a forma para compreendê-lo é a dialética, que mostra essa contradição, o desdobramento que ela acarreta, como surgem outras categorias econômicas desta contradição mais geral. Por exemplo, a contradição presente na análise da mercadoria mostra como surge o dinheiro³³ e como ele não é um mero signo, mas ele expressa, na mesma forma que oculta, a cristalização do trabalho, esse valor que rege a sociedade capitalista.

³¹ Idem. O Capital. Posfácio da Segunda Edição. P. 26.

³² Idem. Ibid.

³³ Veremos acerca do surgimento do dinheiro no capítulo sobre a forma-dinheiro.

Essa separação (oriunda da propriedade privada dos meios de produção) constitui a base para o capital, como diz o professor Jorge Grespan em seu artigo sobre a dialética³⁴, porém, o capital não constitui uma totalidade substancial, mas somente uma totalidade formal quando recorre à força de trabalho para a efetivação do trabalho no intuito de produzir uma mercadoria. Como o capital só existe se houver a produção do valor pelo trabalho, ou seja, a substância do capital é o trabalho que cria valor, então o capital é uma totalidade destituída de substância. E da parte do trabalho, ele é substância, porém, sem condições para efetivar sua atividade sozinho, ele precisa dos meios de produção para produzir mercadorias. Assim, cria-se uma polarização, na qual o trabalho não consegue se objetivar sem o capital e o capital não se valoriza sem o trabalho, acarretando no movimento próprio dessa forma de organização social. Desse modo, a totalidade nunca se encontra resolvida, impulsionando o movimento e postergando a sua resolução. Grespan sintetiza esse argumento: “A substância é como que cindida, por força do despojamento original, em uma pura subjetividade e uma pura objetividade. E esta última, autonomizada enquanto capital, subordina formalmente a outra parte,³⁵ pretendendo por isso elevar-se à posição de ‘sujeito’, pois a força de trabalho só é posta em atividade quando o capital a emprega, organiza e associa tecnicamente aos meios de produção”.

A resolução do sistema, a sua contradição passada a limpo, não se efetuará mediante essa oposição fundamental. No capítulo sobre o dinheiro mostraremos como ele se apropria do trabalho para criar mais valor, intensificando assim o movimento do capital. No entanto, essa contradição não exclui os polos opostos, antes precisa desse movimento mesmo para que o valor se concretize. Se o trabalho fosse a substância última, ele não necessitaria de nada para produzir valor, da mesma maneira ocorre com o capital, pois este não precisaria da força de trabalho para criar mais valor. A dependência desses pontos opostos encontra ressonância na constituição da mercadoria.

Ela possui uma natureza dupla, o valor de uso e o valor de troca, e precisa do aspecto concreto para o consumo e do aspecto abstrato para realizar a troca, ou seja, sem esses

³⁴ GRESPLAN, Jorge. A Dialética do Avesso. in *Crítica Marxista* nº 14. São Paulo: Boitempo, 2002. P. 38.

³⁵ Idem. Ibid. p. 38-39.

dois pontos contraditórios, a própria mercadoria não se desdobra em outras formas, nas quais também serão de natureza contraditória.

Retomando o ponto da dialética, o pressuposto histórico da separação dos meios de produção mostra a oposição na categoria mais fundamental e encontra-se cada vez mais contrastante no desenvolvimento do capital. Nele, a separação dos meios de produção se efetiva, torna-se mais evidente, pois aqui o trabalhador não é o produtor isolado, como aparece inicialmente na exposição categorial da mercadoria, mas sim o trabalhador que está destituído de todos os meios necessário à produção de mercadorias, exceto a sua força de trabalho. É ela que produz valor, porém não produz sem os instrumentos necessários, por isso precisa do capital para produzir mercadorias. Ela é a subjetividade que o capital objetiva em mais-valor.

Esse tipo de relação ocorre somente no sistema capitalista, por isso constitui essa cisão o pressuposto fundamental para se entender a constituição da mercadoria. Desta, desdobrando-a e mostrando como as contradições do sistema se originam, produzindo outras relações contraditórias, possibilita a compreensão daquilo que Marx diz: “Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação”³⁶. Em Hegel, “a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas”, enquanto que na dialética de Marx “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”³⁷.

Ele parte da sociedade capitalista, para determinar o que há de mais abstrato e desse ponto deriva todas as determinações necessárias para a compreensão do ponto real, concreto. A parte mais abstrata dessa determinação, na medida em que outras categorias se desenvolvem, permanecem, sendo incorporadas e redefinidas cada vez mais. De acordo com Grespan: “apesar de dialeticamente a exposição ter uma forma recursivo-progressiva, com o que vem depois sendo pressuposto do que vem antes, tanto quanto

³⁶ MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. P. 14.

³⁷ Idem. Ibid.

este é daquele, há um domínio das formas mais ricas e complexas, nas quais as mais abstratas e iniciais não são eliminadas, mas redefinidas em seu papel.”³⁸.

A mercadoria, desse modo, compreendida dialeticamente traz os elementos necessários para traçar a constituição do capital e ressaltar sua desigualdade fundamental que, muitas vezes, aparece como seu contrário, como uma igualdade. A igualdade de mercadorias no processo de troca esconde essa divisão social do trabalho que, separa os produtores de mercadorias destituindo o caráter imediato dos seus trabalhos. Portanto, veremos a seguir a análise da mercadoria.

³⁸ GRESPLAN, Jorge, O avesso da dialética. P. 41.

2. A Análise do conceito de Mercadoria

Marx inicia sua obra com a análise da forma mercadoria, como ela aparece na forma mais imediata na sociedade capitalista e quais os seus desdobramentos e nos esclarece acerca do valor que a constitui. Como afirmamos anteriormente, esse ponto de partida é necessário para se entender o movimento do capital e de como se constituem os tópicos que desenvolveremos em seguida, a saber, o trabalho e o dinheiro. E essa relação mais geral possibilita a compreensão do fetichismo, característica chave no pensamento de Marx, pois ressalta a mediação social através dos produtos produzidos pelo trabalho que são a expressão do valor constituinte dessa forma de organização social.

Marx não parte da análise do trabalho para explicar o movimento do capital, pois o próprio trabalho³⁹ é concebido como uma mercadoria, quando o trabalhador vende a sua força de trabalho em troca de salário. A mercadoria é a “forma elementar”⁴⁰, a abstração mais geral que se manifesta nos processos de troca, por isso antes de analisar a especificidade do trabalho, é importante iniciar a trajetória com essa forma mais abstrata e que, como veremos, coordena a sociedade capitalista como um todo. Portanto, para se explicar a lei do valor é necessário começar com a mercadoria. E todas as etapas acerca da mercadoria são importantes, pois percebemos por meio do método dialético de Marx a constituição contraditória característica dela e como disso surgem os desdobramentos para a relação de troca entre duas mercadorias, como a contradição que antes se encontrava presente isoladamente em uma se expressa, por sua vez, na troca entre duas mercadorias distintas.

Marx inicia o capítulo 1 de O Capital comentando sobre a riqueza que domina o sistema capitalista e

Primeiramente, Marx enfatiza o aspecto do corpo da mercadoria isolada, aquilo que é importante e feito justamente para realizar as necessidades humanas. E esse caráter de

³⁹ Veremos mais atentamente a questão dessa categoria no capítulo sobre o trabalho.

⁴⁰ MARX, Karl. O Capital. P. 45.

utilidades, aquilo para o qual uma mercadoria foi feita é designada por Marx de valor de uso ⁴¹.

Um ponto que é importante ressaltar é que Marx inicia sua obra nos mostrando que o valor da mercadoria é diferente da utilidade que lhe é própria. Existe o corpo da mercadoria que quando satisfaz necessidades, tais como o casaco que serve para vestir e proteger do frio ou o sapato que serve para calçar, nesse aspecto as mercadorias são produtos, não constituindo valor de troca. Nas palavras do próprio Marx: “o valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do - valor de troca” ⁴².

Então, podemos notar que a mercadoria possui dois aspectos, o valor de uso e o valor de troca. O valor de uso se restringe ao aspecto físico, qualitativo da mercadoria, como foi visto acima. E no que tange ao consumo desse produto, o valor de troca, o que foi necessário para obter esse produto não entra, portanto, na relação.

O valor de troca diz respeito ao caráter abstrato da mercadoria, na medida em que uma mercadoria é trocada pela outra e somente nessa relação que aparece, que se expressa o valor de troca. Na relação de troca, o que possibilita que uma mercadoria seja trocada por outra diferente? Quando, no exemplo mesmo utilizado por Marx ⁴³, x de trigo é trocado por y de ferro, onde tanto x como y representam quantidades distintas de cada produto, quando essas duas mercadorias são trocadas o que possibilita, desse modo, a equivalência entre duas mercadorias diferentes? Existe algo no qual o valor de troca expressa que é distinto desses produtos, sendo reduzido a uma terceira coisa, o que mais pra frente veremos ser o valor (na argumentação de Marx, o valor de troca aparece primeiro, pois é a expressão do valor que produz a mercadoria).

Fundamental perceber que o valor de troca aparece nessa relação de troca entre mercadorias diferentes, uma vez que entre mercadorias iguais a troca torna-se

⁴¹ Idem. Ibid. p. 46.

⁴² Idem. Ibid.

⁴³ Idem. Ibid.

dispensável. No momento da troca o valor de uso de cada uma é negado, não é considerado, ou seja, o seu valor não é determinado pelo valor de uso, mas sim por algo distinto dele. O valor de troca nega o caráter concreto da mercadoria, na mesma forma que, em outro âmbito, quando se utiliza a mercadoria para a satisfação de alguma necessidade, o seu valor de troca também é negado⁴⁴. Segundo Marx: “Como valores de uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de diferente qualidade, como valores de troca só podem ser de quantidade diferentes, não contendo, portanto, nenhum átomo de valor de uso.”⁴⁵

O que permite, então, a possibilidade da troca entre mercadorias diferentes? Marx nos mostra que as mercadorias são produtos do trabalho humano. Porém, o próprio trabalho com suas diferenças, com suas qualidades específicas também pode ser reduzido a algo de comum, uma vez que seus produtos são trocados, dessa forma seus trabalhos concretos, representados nas mercadorias, também são trocados.

O que resulta dessa abstração das características específicas de cada trabalho? A força de trabalho que é comum a todos os trabalhadores, o que vem a ser, para Marx, na definição do trabalho abstrato; é por meio do trabalho abstrato que as mercadorias são trocadas. De acordo com Marx: “Consideremos agora o resíduo dos produtos do trabalho. Não restou deles a não ser a mesma objetividade fantasmagórica, uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado, isto é, do dispêndio de força de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi despendida. O que essas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores – valores mercantis”⁴⁶.

É interessante ressaltar que já nesse momento da análise podemos perceber que a mercadoria é resultado de um momento histórico específico, o sistema capitalista, onde

⁴⁴ A oposição dialética do pensamento de Marx encontra-se, nesse ponto, bem visível, uma vez que os valores de troca, nessa relação, negam os valores de uso; no entanto, os últimos não se encontram excluídos, eles são necessários como momento de negação presente na troca. Para que o valor de troca se expresse ele precisa negar o valor de uso das mercadorias presentes nessa relação.

⁴⁵ MARX. Karl. O Capital. p. 47.

⁴⁶ Idem. Ibid.

a mercadoria é destinada à troca no mercado, onde o seu valor é determinado pelo trabalho abstrato, sem consideração pela especificidade ou condições de trabalho concreto pelo qual ocorreu a sua produção. Da mesma maneira que na troca entre mercadorias o valor de uso é negado, aqui também constatamos que o trabalho concreto é negado, o que interessa no valor, na criação de valor dessa sociedade é o trabalho abstrato. “Portanto, um valor de uso ou bem possui valor, apenas, porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato.”⁴⁷.

Como medir esse trabalho abstrato? No desenrolar do argumento de Marx ele nos diz que o valor é medido pelo tempo de trabalho, o quanto foi necessário para a produção de uma determinada mercadoria. Mas essa medida do tempo não pode variar? Em cada fábrica, por exemplo, quanto maior o tempo para se produzir uma mercadoria então maior seria o seu valor e isso pode ser decidido entre os produtores em questão. Porém, o que é fundamental no argumento de Marx é que o tempo de trabalho abstrato é socialmente determinado, é resultado de uma forma específica da sociedade mercantil, a forma como ela se organiza, que determina o conjunto dos valores que é expresso, no caso, do trabalho individual de cada trabalhador. Segundo Marx: “O trabalho, entretanto, o qual constitui a substância dos valores, é trabalho humano igual, dispêndio da mesma força de trabalho do homem. A força conjunta de trabalho da sociedade, que se apresenta nos valores do mundo das mercadorias, vale aqui como uma única e mesma força de trabalho do homem, não obstante ela ser composta de inúmeras forças de trabalho individuais. Cada uma dessas forças de trabalho individuais é a mesma força de trabalho do homem como a outra, à medida que possui o caráter de uma força média de trabalho social, e opera como tal força de trabalho socialmente média, contanto que na produção de uma mercadoria não consuma mais que o trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário.”⁴⁸.

E essa quantidade de força média de trabalho social, ou nos termos de Marx, trabalho socialmente necessário só pode ser expresso no momento da troca de mercadorias, pois quando se utiliza uma mercadoria, quando o que importa é o seu valor de uso, o valor de troca socialmente necessário é negado e essa condição de trabalho presente na sociedade

⁴⁷ Idem. Ibid.

⁴⁸ Idem. Ibid. p. 40.

mercantil não aparece, sendo, portanto, fundamental a compreensão da troca, para entender como a sociedade capitalista se organiza e como ela mede seu valor. Anselm Jappe nota muito bem essa passagem da argumentação de Marx, pois, de acordo com Jappe: “esta substância comum, ou seja, o tempo de trabalho abstrato, é uma abstração que não pode manifestar-se, adquirir uma forma sensível, senão de modo indirecto: nas relações de uma dada mercadoria com outras mercadorias.”⁴⁹

Assim, o caráter duplo da mercadoria é o que constitui sua especificidade, ela é valor de uso e valor de troca e, portanto, é no valor de troca que encontramos a expressão do valor da sociedade capitalista, ou seja, tempo de trabalho socialmente necessário. Ou seja, para a produção de mercadorias é necessário não somente o seu valor de uso, aquilo para o qual ela foi destinada, mas também ser produzida para outros e ser trocada no mercado, na qual o corpo da mercadoria serve de valor de troca, onde o valor é expresso indiretamente, como dissemos acima nas palavras de Jappe. Muito importante mostrar a nota acrescentada por Engels à quarta edição do *Capital* que ressalta justamente a peculiaridade da relação de equivalência encontrada no processo de troca e que caracteriza a sociedade mercantil. “Para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social. {E não só para outros simplesmente. O camponês da idade Média produzia o trigo do tributo para o senhor feudal, e o trigo do dízimo para o clérigo. Embora fossem produzidos para outros, nem o trigo do tributo nem o do dízimo se tornaram por causa disso mercadorias. Para tornar-se mercadoria, é preciso que o produto seja transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca.}”⁵⁰.

A relação de troca também revela a condição do trabalho presente na sociedade capitalista, onde os trabalhadores não dispõem dos meios de produção para realizar seus trabalhos e por isso necessitam vender a sua força de trabalho, também esta concebida como mercadoria, a fim de se manterem e de obterem as mercadorias. A homogeneização presente na determinação do valor, o trabalho humano abstrato, iguala, nivela todos os trabalhos distintos em um mesmo tipo, numa mesma forma de trabalho, de dispêndio de força de trabalho e oculta a organização social oriunda da apropriação

⁴⁹ JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria*. P. 29.

⁵⁰ MARX, Karl. *O Capital*. P. 49.

dos meios de produção, tendo a propriedade privada como fundamento da sociedade capitalista.

Essa sociedade capitalista é contraditória, pois ela, de um lado precisa de diferentes mercadorias para ser trocadas, estabelecendo cada vez mais uma divisão do trabalho, de outro, ela impõe uma igualdade entre os diferentes trabalhos com o intuito de possibilitar a troca de seus produtos. As pessoas vendem a sua força de trabalho, pois é assim que conseguem sobreviver, uma vez que não dispõem dos meios de produção para produzirem seus produtos. E seus trabalhos concretos transformam-se, na troca de mercadorias, em uma massa homogênea na qual o tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria constitui o valor que se cristaliza nela. Ou seja, de um lado temos o trabalho concreto, específico, mas de outro ele é anulado mediante a troca de mercadorias. E essa contradição encontramos já na análise da categoria de mercadoria que também possui uma contradição intrínseca, entre valor de uso e valor de troca. Anselm Jappe sintetiza bem esse ponto, segundo ele: “a mercadoria é portanto a unidade de duas determinações da mesma coisa, determinações estas que não são simplesmente diferentes, mas das quais uma exclui a outra: o valor de uso é o contrário do valor, o trabalho concreto é o contrário do trabalho abstrato, o trabalho privado é o contrário do trabalho social.”⁵¹

Da mesma forma como a mercadoria, o trabalho possui dois aspectos, o trabalho concreto e o trabalho abstrato e para explicar melhor a divisão social do trabalho e a forma específica dessa sociedade é importante nos atermos nesse ponto.

O trabalho concreto diz respeito ao trabalho específico necessário para produzir uma dada mercadoria, como por exemplo, o trabalho do alfaiate⁵² tem o seu trabalho específico de produzir roupas e é diferente do trabalho do sapateiro, que, no caso, produz sapatos. O trabalho concreto é o responsável por produzir inúmeros produtos, em uma diversidade de valores de uso. No entanto, da mesma forma como os valores de uso na sociedade capitalista são portadores dos valores de troca, aqui também

⁵¹ JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria*. P. 36.

⁵² Utilizamos os mesmo exemplos encontrados na obra de Marx.

encontramos esse mesmo movimento, no qual os trabalhos concretos, específicos, são medidos e trocados tendo como base o trabalho abstrato.

O trabalho abstrato constitui o dispêndio de força humana, sem consideração pela forma como foi empregada, isto é, os trabalhos concretos nesse momento são desconsiderados e o que prioriza no momento da troca é o quanto de tempo socialmente necessário foi despendido para a produção de determinada mercadoria. No exemplo que citamos acima, não importa o trabalho específico do alfaiate e muito menos do sapateiro quando os seus produtos são trocados, e sim, apenas o tempo necessário de trabalho empregado expresso no corpo da mercadoria. Segundo o próprio Marx: “abstraindo-se da determinação da atividade produtiva e, portanto, do caráter útil do trabalho, resta apenas que ele é um dispêndio de força humana de trabalho. Alfaiataria e tecelagem, apesar de serem atividades produtivas qualitativamente diferentes, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculo, nervos, mãos, etc. humanos, e nesse sentido são ambas trabalho humano. Contudo para poder ser despendido dessa ou daquela forma, precisa a força humana de trabalho estar mais ou menos desenvolvida. Mas o valor da mercadoria representa simplesmente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano sobretudo.”⁵³

No caso, quando o Marx diz que “a força de trabalho precisa estar mais ou menos desenvolvida”, podemos entender que esse tipo de relação com o trabalho, onde o que vigora é o dispêndio de trabalho humano, encontra-se numa sociedade específica, na qual o trabalhador é despojado de seus meios de produção e, dessa forma, não se reconhece no trabalho produzido. Ele produz valores de uso para satisfazer necessidades humanas, mas não as suas, ele produz, enfim, para o mercado, no qual desconhece a especificidade, para quem seu produto é destinado.

Importante ressaltar que a divisão social do trabalho, cada vez mais acirrada na sociedade capitalista, constitui para Marx a condição de existência para se produzir mercadorias, para afirmar cada vez mais seu caráter duplo e contraditório, pois, de um lado corrobora a produção de mercadorias privadas, elas não são imediatamente sociais, mas originam-se de uma separação entre os trabalhadores e os meios de produção necessários para produzi-las, e de outro lado, essas mercadorias entram em contato somente por meio da troca. E isso acontece somente na sociedade capitalista. Nas

⁵³ MARX, Karl. O Capital. P. 51.

palavras de Marx: “Na totalidade dos vários tipos de valores de uso ou corpos de mercadorias aparece uma totalidade igualmente diversificada, de acordo com gênero, espécie, família, subespécie, variedade, de diferentes trabalhos úteis – uma divisão social do trabalho. Ela é condição de existência para a produção de mercadorias, embora inversamente, a produção de mercadorias não seja a condição de existência para a divisão social do trabalho. Na antiga comunidade hindu o trabalho é socialmente dividido sem que os produtos se tornem mercadorias. Ou, um exemplo mais próximo, em cada fábrica o trabalho é sistematicamente dividido, mas essa divisão não se realiza mediante a troca, pelos trabalhadores, de seus produtos individuais. Apenas produtos de trabalhos privados autônomos e independentes entre si confrontam-se como mercadorias.”⁵⁴

Na sociedade hindu, como Marx exemplificou acima, a divisão do trabalho é reconhecida pelos trabalhadores e seus produtos são destinados para determinados grupos, onde seus produtores não se encontram alienados dos seus próprios trabalhos. Fundamental é lembrarmos a nota que citamos acima, acrescentada por Engels na quarta edição, quando ele diz que a mercadoria é aquela destinada para satisfazer a necessidade do outro, no entanto, aqui podemos dizer do outro abstrato, do mercado, onde se desconhece as condições de trabalho necessárias para a produção das mercadorias. A consequência disso é que o mercado se torna uma mediação para o trabalhador obter mercadorias com o intuito de satisfazer suas próprias necessidades. Nesse momento, não se pode mais com suas próprias formas satisfazer suas necessidades, é necessário trocar sua força de trabalho, obter dinheiro e assim, conseguir mercadorias que satisfaçam suas próprias necessidades. Por isso, a troca de mercadorias constitui o laço social da sociedade capitalista.

Com a crescente divisão do trabalho e a falta de reconhecimento do produto final do trabalho e para quem ele é destinado, os indivíduos tornam-se autônomos, seus trabalhos aparentemente não se relacionam com os outros, o que agrava ainda mais o estranhamento mediante a sua atividade produtora. De um lado existe cada vez mais uma crescente especialização da produção, onde não se sabe mais o seu lugar perante a organização social e, de outro lado, uma dependência cada vez maior da troca de

⁵⁴ MARX, Karl. O Capital. P. 50.

mercadorias, já que o próprio indivíduo não consegue satisfazer suas próprias necessidades, ele o faz mediante a troca de mercadorias. Jorge Grespan resalta esse ponto: “dentro de uma distribuição dos instrumentos de produção que autonomiza os indivíduos enquanto proprietários privados é que a divisão do trabalho aparece como especialização individual. Porém, quanto mais esta última avança, mais eles se tornam dependentes do trabalho dos outros para suprir suas próprias necessidades”⁵⁵.

Assim, a mercadoria passa a ser determinada para satisfazer necessidades determinadas não pelos produtos que as produziu, mas sim pelos demais produtores que as obterão por meio da troca. Podemos perceber que o mercado, ou mesmo o processo do capital, passa a determinar cada vez mais as produções de mercadorias.

O trabalho concreto cada vez mais especializado encontra-se imediatamente privado, tem-se a impressão de que não necessitam dos outros para produzirem seus produtos. Não existe um reconhecimento social e nem um lugar específico ao qual caiba a determinação dos trabalhos concretos da sociedade capitalista. O que acarreta essa ligação social é o processo de troca. No exemplo citado acima por Marx, a sociedade hindu (ou mesmo a sociedade feudal) possuía uma divisão do trabalho e seus trabalhadores produziam produtos para outros; no entanto, era conhecido o destino desses produtos para determinados grupos e, no caso da sociedade feudal, existia o conhecimento do quanto deveria ser produzido para o tributo do dízimo e também para o senhor feudal. Portanto, a divisão do trabalho social era estabelecida e compreendida, assim o produtor conseguia se reconhecer no produto final. Em contrapartida, a especificidade da troca no sistema capitalista é que a divisão social do trabalho é ocultada pelo processo de troca, não são mais os trabalhos concretos e individuais que são expressos na troca, mas sim a força de trabalho despendida, seu caráter abstrato que cria valor nas mercadorias e que estabelece a ligação social perdida em decorrência dos seus trabalhos privados. Nas palavras de Isaak I. Rubin: “O produtor isolado de mercadorias, formalmente independente dos demais em termos de orientação, escala e métodos de produção, está, na realidade, intimamente vinculado a eles através do mercado, através da troca.”⁵⁶

⁵⁵ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P. 54.

⁵⁶ RUBIN, Isaak I. A Teoria Marxista do Valor. P. 24.

Então, de um lado encontramos os trabalhos privados independentes que se situam como autônomos no processo de produção e, de outro lado, o produto desses trabalhos que são trocados, numa relação cada vez mais dependente, onde um produtor não consegue satisfazer suas necessidades senão por meio da obtenção de mercadorias no mercado. Nesse ponto, percebemos também a contradição desdobrada dessa forma, que tem como origem na própria constituição da mercadoria em que os dois lados se excluem, mas que não podem existir sozinhos.

Desse modo, é interessante ressaltar que o valor não está nas mercadorias (no seu aspecto físico), mas ele é oriundo dessa organização social, na qual o tempo de trabalho abstrato encontra-se no corpo da mercadoria, onde ela carrega o valor e a forma como a sociedade capitalista se organiza. De acordo com Rubin: “se o produto do trabalho só adquire valor numa determinada forma social de organização do trabalho, então o valor não representa uma ‘propriedade’ do produto do trabalho, mas uma determinada ‘forma social’ ou ‘função social’ que o produto do trabalho desempenha como elo de ligação entre produtores mercantis isolados, como um ‘intermediário’ ou um ‘portador’ das relações de produção entre as pessoas.”⁵⁷

É na troca que os trabalhos individuais são reconhecidos, ou mesmo, comparados, mas, esse ponto é fundamental, é na relação particular da troca que o abstrato, ou seja, o tempo de trabalho abstrato rege o movimento das mercadorias, o que nos leva a entender que a produção da sociedade capitalista é voltada exclusivamente para a troca, sem ter como foco a supressão das necessidades das pessoas, e sim destinado para produzir cada vez mais esse movimento de troca. Por isso, a relação de troca é social, uma vez que o caráter social dos trabalhos foi perdido, devido a organização social que prioriza a propriedade privada dos meios de produção. Novamente de acordo com Rubin: “isto significa que o trabalho privado de indivíduos isolados não adquire o caráter de trabalho social na forma concreta em que foi dispendido no processo de produção, mas através da troca, que representa uma abstração das propriedades concretas de coisas individuais e formas individuais de trabalho”⁵⁸.

⁵⁷ Idem. Ibid. p. 84.

⁵⁸ RUBIN, Isaak I. A teoria Marxista do Valor. P. 86.

Percebemos, desse modo, a importância de se compreender a fundo o desenvolvimento da troca de mercadorias analisada por Marx e mostrar como a forma-dinheiro é desdobrada dessa contradição inicial presente na mercadoria. Com isso, fundamenta-se ainda mais a crítica feita por Marx à Economia Política Clássica, pois eles não explicaram a origem do dinheiro e sua relação dialética com a mercadoria. Portanto, passaremos a analisar, primeiramente, a relação de troca entre duas mercadorias para, em seguida, mostrarmos como o dinheiro surge e qual sua função na sociedade capitalista.

3- A forma-dinheiro

Como vimos no item anterior, os trabalhos concretos encontram-se, na sociedade capitalista, privados uns dos outros, o que os reveste de autonomia, num primeiro momento. Assim, eles se relacionam no momento da troca, quando trocam sua força de trabalho para obterem mercadorias, por exemplo. No caso, na sociedade atual, eles vendem sua força de trabalho com o intuito de obterem salário para, desse modo, comprarem os produtos de que necessitam. O dinheiro, para Marx, é um desdobramento da forma mais elementar da sociedade capitalista, a mercadoria e por isso a importância fundamental em mostrar como, em seu desenvolvimento interno, a mercadoria se transforma em dinheiro.

Mostrar o desenvolvimento do dinheiro constitui para Marx também em um dos pontos cruciais da sua crítica à Economia Política Clássica que tomava o dinheiro como algo exterior, não sendo desenvolvida a partir da mercadoria. Com isso, não se pode compreender o caráter social do dinheiro, o que ele representa e a inversão expressa nele da sociedade atual, na qual as coisas, as mercadorias, são dotadas de valores. Essa inversão é chamada por Marx de fetichista⁵⁹ e pode ser compreendida também pela gênese do dinheiro. No entanto, nos atermos melhor sobre esse conceito no capítulo sobre o fetichismo da mercadoria.

Para conseguir desvendar o que está imerso no dinheiro é fundamental partir da análise mais simples da mercadoria, isto é, sua relação de troca de duas mercadorias, desdobra-las para, enfim, perceber o que o dinheiro expressa. Nas palavras de Marx: “aqui cabe, no entanto, realizar o que não foi jamais tentado pela economia burguesa, isto é, comprovar a gênese dessa forma dinheiro, ou seja, acompanhar o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor das mercadorias, de sua forma mais simples e sem brilho até a ofuscante forma dinheiro. Com isso desaparece o enigma do dinheiro.”⁶⁰ Ou seja, não se pode deduzir a forma-dinheiro analisando uma mercadoria isolada, pois é somente na relação de troca que ela expressa

⁵⁹ MARX, Karl. O Capital. P. 70.

⁶⁰ Idem. Ibid. p. 54.

a contradição que lhe é interna, somente na troca que se expressa o valor social que a compõe.

As formas desenvolvidas por Marx são quatro, a saber, a forma simples, a forma de valor total ou desdobrada, a forma geral de valor e, por último, a forma dinheiro. Iniciaremos a nossa análise com a forma simples, mostraremos também o papel de cada mercadoria e sua posição para em seguida nos atermos aos desdobramentos dela.

Tomemos, então, duas mercadorias diferentes, A e B⁶¹, e na relação de troca a mercadoria A expressa seu valor na mercadoria B, constituindo, assim, a mercadoria A a posição da forma relativa e a mercadoria B o lugar de equivalente, onde é expresso o valor da mercadoria A. De um lado tem-se o papel ativo da mercadoria, no caso a mercadoria A e seu valor é expresso no corpo da mercadoria B, sendo esta última o caráter passivo da relação simples de troca.

O que é importante notar já na forma simples é a oposição fundamental entre duas mercadorias diferentes que expressam a oposição já intrínseca na análise da mercadoria isolada. Aqui elas constituem dois polos diferentes, mas que ressaltam algo de igual que as constitui. No caso, para expressar o valor da mercadoria A é importante que o corpo da mercadoria B seja ofuscado e reflita o valor, o tempo de trabalho abstrato, empregue na mercadoria A. E essa oposição é fundamental nessa relação simples que, de um lado afirma uma mercadoria e, de outro, exclui a segunda mercadoria, mas que não existem em separado, pois isoladamente elas não expressam o seu valor. Nas palavras de Marx: “forma relativa de valor e forma equivalente pertencem uma à outra, se determinam reciprocamente, são momentos inseparáveis, porém ao mesmo tempo, são extremos que se excluem mutuamente ou se opõem, isto é, polos da mesma expressão de valor, elas se repartem sempre entre diversas mercadorias relacionadas entre si pela expressão de valor”⁶².

Duas mercadorias iguais não expressam essa relação, por isso a necessidade de formular essa relação entre duas mercadorias diferentes, como desdobramento da contradição interna entre valor de uso e valor de troca presente na constituição da

⁶¹ O mesmo exemplo utilizado por Marx.

⁶² MARX, Karl. O Capital. P. 54.

mercadoria isolada. Aqui, podemos fazer esse paralelo, da maneira como foi analisada anteriormente, quando o trabalho abstrato também oculta o trabalho concreto no momento da troca, aqui o valor da mercadoria relativa anula o valor de uso da mercadoria equivalente, impondo o seu valor de troca para ela.

É interessante notar também que a quantidade de mercadoria A, no exemplo que citamos, não importa nesse momento da relação, o que é relevante para esse ponto da análise é o seu aspecto qualitativo, o que é expresso na equação mercadoria A = a mercadoria B, sem se ater em quanto de x da mercadoria A está expresso na quantidade y da mercadoria B, porque o que está no núcleo da análise é a equação que possibilita a troca e não a quantidade de cada mercadoria específica.

O que é revelado nessa relação de troca? Novamente, são mercadorias diferentes, produtos de diferentes trabalhos e que são, no entanto, colocadas como equivalentes. O que elas possuem de igual? A relação social que as constitui, a forma de organização social que impõe o trabalho abstrato como medida de valor das mercadorias. Segundo Marx: "somente a expressão de equivalência de diferentes espécies de mercadoria revela o caráter específico do trabalho gerador de valor, ao reduzir, de fato, os diversos trabalhos contidos nas mercadorias diferentes a algo comum neles, ao trabalho humano em geral"⁶³.

E não é somente esse aspecto que é importante, outro ponto fundamental é que nessa relação, o corpo da mercadoria na posição de equivalente coisifica o valor, ele assume objetivamente o valor da mercadoria A e não é apenas uma abstração do trabalho concreto. É, acima de tudo, uma abstração que se corporifica, que se objetiva na mercadoria B, possibilitando que ela não somente seja o valor de troca, mas também toma o valor de uso de B para si, uma vez que a posição de equivalente de B constitui o lado passivo da troca. Ou seja, para expressar que seu valor de troca é diferente do valor de uso, no caso, a mercadoria A se utiliza do corpo da mercadoria B para mostrar a diferença que existe dentro da própria constituição da mercadoria A. Assim, percebemos que a equação entre duas mercadorias, já constatada na forma simples não é apenas uma abstração, mas uma abstração concreta, que se corporifica na mercadoria equivalente e que expressa o valor da mercadoria relativa.

⁶³ Idem. Ibid. p. 56.

Marx nos mostra esse desdobramento utilizando o exemplo de linho, na posição de mercadoria relativa, e casaco, como mercadoria equivalente: “Vê-se, tudo que nos disse antes a análise do valor das mercadorias, diz-nos o linho logo que entra em relação com outra mercadoria, o casaco. Só que ele revela seu pensamento em linguagem exclusiva, a linguagem das mercadorias. Para dizer que o seu próprio valor foi gerado pelo trabalho em sua abstrata propriedade de trabalho humano, ele diz que o casaco, na medida em que lhe equivale, portanto é valor, compõe-se do mesmo trabalho que o linho. Para dizer que a sua sublime objetividade de valor é distinta de seu corpo entretelado, ele diz que o valor se parece com um casaco e que, portanto, ele mesmo, como coisa de valor, iguala-se ao casaco; como um ovo ao outro.”⁶⁴ Ou seja, não é somente o trabalho que se torna igual, mas também o concreto das mercadorias é negado nessa relação.

O que caracteriza mesmo a forma de equivalente é o fato de que o seu valor de uso se mostra como sendo o valor de troca, ele assume o valor de troca da mercadoria relativa. Assim, o equivalente é diretamente trocável, ele pode ser trocado por qualquer mercadoria, ela (a mercadoria) pode servir de equivalente para qualquer outra mercadoria. E isso constitui a primeira peculiaridade da mercadoria na posição de equivalente⁶⁵ e isso ocorre justamente porque ela se encontra numa relação com outra mercadoria, pois ela mesma em particular não conseguiria expressar seu valor de troca no seu próprio valor de uso. “Como nenhuma mercadoria pode figurar como equivalente de si mesma, portanto tão pouco podendo fazer de sua pele natural expressão de seu próprio valor, ela tem de relacionar-se como equivalente a outra mercadoria, ou fazer da pele natural de outra mercadoria sua própria forma de valor.”⁶⁶

E quando ela encarna o valor de troca no seu valor de uso, em última instância, a mercadoria que se encontra na posição de equivalente encarna o trabalho abstrato dispendido. Pois, não tem como a mercadoria B refletir o trabalho concreto necessário para a produção da mercadoria relativa A. Se o trabalho concreto da mercadoria A é expressão do trabalho abstrato socialmente determinado, na medida em que o valor da

⁶⁴ MARX, Karl. O Capital. P. 57.

⁶⁵ Idem. Ibid. P. 59.

⁶⁶ MARX, Karl. O Capital. P. 60.

mercadoria é medida pelo tempo de trabalho abstrato, então esse valor expresso na relação de troca na mercadoria B apaga, podemos dizer assim, o trabalho concreto que produziu a mercadoria B. Desse modo, o valor de uso de B não somente porta o valor de troca de A como também o trabalho humano abstrato necessário para a produção tanto de A quanto de B. E isso constitui na segunda peculiaridade da forma equivalente.

E a terceira peculiaridade advém do fato de que ela é diretamente social, é na posição de equivalente que a outra mercadoria se reconhece como sendo produto de um trabalho indiferenciado, homogêneo e é na ligação dessas mercadorias que esse trabalho se revela, assim o equivalente também mostra a particularidade da divisão do trabalho na sociedade capitalista, uma vez que o trabalhador não se reconhece mais em seu trabalho, ele necessita da troca para estabelecer sua relação com o produto do trabalho. Mas nesse caso, com o produto do trabalho dos outros, que se equivale ao seu, como dispêndio de força de trabalho medido pelo tempo de trabalho necessário.

E então já na forma simples de troca entre duas mercadorias podemos notar o que em seguida será desenvolvido da forma dinheiro. Após essa análise da forma simples, a forma seguinte desse desdobramento constitui a forma de valor total ou desdobrada, na qual uma determinada quantidade de mercadoria A tem como equivalente não somente a mercadoria B como também inúmeras outras mercadorias, não se encerrando em apenas dois polos. Ela amplia a análise situada na forma I, na forma simples, pois várias outras mercadorias podem servir de equivalente, em uma dada relação de troca, porém esbarra na dificuldade em que todas as mercadorias lhe são equivalentes, sem constituir uma objetividade maior, quando se tem uma mercadoria geral como a equivalente. No caso, essa questão é resolvida na forma III, na Forma Geral de Valor, tendo como característica básica a polarização cada vez maior dos dois pontos extremos, o relativo e o equivalente.

Na Forma Geral de Valor, Marx inverte a relação entre relativo e equivalente e não somente isso, como também estabelece uma mercadoria como equivalente geral, no qual todas as outras expressam o seu valor. Desse modo, polariza-se mais a relação, pois nas formas anteriores não existia a particularidade de uma mercadoria pertencer exclusivamente nessa posição de equivalente. Dependendo da troca, uma poderia ser equivalente numa situação, e em outro momento poderia ser a relativa. Nessa forma

geral isso não ocorre, o que acarreta no fato de que a mercadoria equivalente geral é excluída da posição de relativa e, por conseguinte, também excluem as demais mercadorias relativas da possibilidade de serem equivalentes em outros momentos. Assim, a contradição se acirra ainda mais nessa relação presente na forma III, pois fixa a posição contrária de cada mercadoria e exclui o valor de uso da mercadoria posicionada como equivalente geral. Jorge Grespan sintetiza muito bem esse ponto da análise: “Enquanto nas duas primeiras formas de expressão de valor qualquer mercadoria podia desempenhar ora uma ora outra função, na terceira as mercadorias como um todo definem só uma como equivalente, excluindo-se desta relação e, inversamente, também excluindo a mercadoria escolhida da forma-valor relativa”⁶⁷.

Quando nos deparamos com essa forma geral de valor, onde uma mercadoria situa-se como equivalente comum a todas as mercadorias e, portanto, universal, esse fato nos mostra que esse equivalente isolado das demais e situado fixamente como geral é o destino onde todas as mercadorias, agora posicionadas como relativas fixas, transferem nessa troca com o equivalente geral o seu valor de troca, o que há de comum entre elas e assim, todas são concebidas dessa forma, como relativa geral, tendo como reflexo o seu valor objetivado no equivalente geral. De acordo com o próprio Marx: “a forma geral surge (...) apenas como obra comum do mundo das mercadorias. Uma mercadoria só ganha a expressão geral do valor porque simultaneamente todas as demais mercadorias expressam seu valor no mesmo equivalente e cada nova espécie de mercadoria que aparece tem que fazer o mesmo. Evidencia-se, com isso, que a objetividade do valor das mercadorias, por ser a mera ‘existência social’ dessas coisas, somente pode ser expressa por sua relação social por todos os lados, e sua forma, por isso, tem de ser uma forma socialmente válida.”⁶⁸

Desse modo, as posições que antes eram estabelecidas no decorrer da troca (nas formas I e II), a cada movimento da troca, agora, na forma III, ela se torna geral e comum e todas as mercadorias encontram-se nela como expressão de seu valor de troca. O valor de uso do equivalente geral desaparece e dá lugar à objetivação do trabalho comum que constitui todas as mercadorias, apagando, desta maneira, o trabalho

⁶⁷ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P. 73.

⁶⁸ MARX, Karl. O Capital. P. 67.

concreto que o produziu e que também produziu todas as outras mercadorias. Sendo um espelho de valor, o equivalente geral reflete somente o tempo de trabalho abstrato necessário para a produção de mercadorias. Nesse ponto ele constitui o seu caráter social, já que os produtores de mercadorias se relacionam mediante a troca, reconhecendo não mais o seu trabalho concreto e sim o dispêndio de sua força de trabalho. Novamente segundo Marx: “a forma valor geral, que representa os produtos de trabalho como meras gelatinas de trabalho humano indiferenciado, mostra por meio de sua própria estrutura que é a expressão social do mundo das mercadorias. Assim, ela evidencia que no interior desse mundo o caráter humano geral do trabalho constitui seu caráter especificamente social”⁶⁹.

E antes de nos atermos à forma-dinheiro, é importante lembrar o argumento desenvolvido por Marx acerca da forma equivalente que consiste no seguinte, em outras sociedades, não capitalistas, existia a troca de mercadorias, ele mesmo se recorda do argumento utilizado por Aristóteles⁷⁰ quando ele comenta que o que torna duas mercadorias equivalentes é o trabalho humano. E o próprio Aristóteles mostra, segundo a interpretação de Marx, que o dinheiro decorre dessa forma simples, quando um produto é igual ao outro. No entanto, Aristóteles não conseguiu ir mais além à sua análise do valor comum exatamente porque a forma de sociedade ao qual ele estava inserido não se baseava nessa divisão social do trabalho, era uma sociedade composta por trabalho escravo e sua divisão entre os homens era estabelecida, a posição ao qual eles se encontravam era conhecida.

Na sociedade capitalista, em contrapartida, a divisão do trabalho é social, imposta por meio da separação do trabalho e de seus meios de produção, no qual o produtor encontra-se separado do seu produto final, o que acarreta numa separação com o social do seu trabalho. Assim, ele se encontra cada vez mais autônomo de um lado, porém de outro, quando precisa adquirir mercadorias para consumo, ele se torna cada vez mais dependente desse vínculo social, que é estabelecido pela troca de mercadorias. Na sociedade de Aristóteles o trabalho era reconhecido, na nossa sociedade atual ele se objetiva como trabalho humano abstrato medido pelo tempo de trabalho necessário para

⁶⁹ Idem. Ibid.

⁷⁰ Idem. Ibid. p. 61.

se produzir dada mercadoria. E nesse ponto, conclui Marx: “o gênio de Aristóteles resplandece justamente em que ele descobre uma relação de igualdade na expressão de valor das mercadorias. Somente as limitações históricas da sociedade, na qual ele viveu, o impediram de descobrir em que consiste ‘em verdade’ essa relação de igualdade”⁷¹.

A forma-dinheiro é consequência da forma geral, da forma III. No exemplo ilustrado por Marx⁷² ele toma como equivalente geral 20 varas de linho e aqui, na forma-dinheiro, podemos substituir essa posição antes ocupada pelo linho pelo próprio dinheiro. O dinheiro passa a ser o equivalente geral de todas as mercadorias e todas elas expressam nele seu valor de troca, como afirmamos anteriormente.

O importante dessa passagem é que antes, o exemplo de Marx, 20 varas de linho, possuía um corpo no qual se constata o valor de uso possível, embora na posição ocupada nessa relação de equivalente geral seu valor de uso seja negado. O valor de uso do dinheiro fica cada vez mais apagado, encontra-se cada vez mais corporificado nele o valor que ele expressa, que ele reflete na sua relação com todas as mercadorias. Ele se torna imediatamente trocável por qualquer mercadoria e também estabelece todas as mercadorias como relativas gerais. Então, o movimento encontra-se de ambos os lados, o equivalente geral que exclui qualquer mercadoria específica de ocupar esse lugar que agora é encarnado pelo dinheiro e, da mesma maneira, o relativo geral exclui o dinheiro de ser uma mercadoria específica e o condiciona apenas como valor geral. É a contradição encontrada na fórmula elementar da mercadoria que se expressa dialeticamente nesses dois polos opostos ocupados pelo relativo geral e pelo equivalente geral.

Percebemos nesse movimento que antes de mostrar o aspecto histórico do surgimento do dinheiro, Marx se preocupa primeiramente em mostrar como o desdobramento lógico se dá tomando como ponto de partida a constituição fundamental da mercadoria isolada e depois da mercadoria em sua relação com as demais mercadorias. De acordo com Grespan: “nesse contexto, é fundamental destacar que o projeto de Marx era justamente o de demonstrar a necessidade do surgimento do

⁷¹ MARX, Karl. O Capital. P. 62.

⁷² Idem. Ibid. p. 69.

dinheiro a partir do desenvolvimento da produção mercantil, apresentando-o antes como resultado do desdobramento das formas-valor que expressam a oposição interna da mercadoria do que como um mero dado histórico”⁷³.

O dinheiro constitui uma abstração, mas não é uma mera convenção e sim uma abstração real fruto da relação social da sociedade capitalista. O dinheiro encarna essa abstração e a objetiva com o seu corpo e reflete o valor social em todos os momentos que se realiza a compra de mercadorias (tanto compra como venda de mercadorias). O dinheiro formula de uma forma ainda mais específica, por ser a mais geral, a posição de abstração real presente na sociedade atual. Ele aniquila as qualidades particulares⁷⁴ das mercadorias, transformando tudo em sua objetividade social, colocando-as como fruto do mesmo trabalho humano, indiferenciado. Isso ocorre nesse nível somente numa sociedade do qual o produtor encontra-se separado, alienado do seu produto e necessita vender sua força de trabalho para obter mercadorias. Essa abstração real condiciona e organiza, invertendo os polos da própria sociedade. Aquilo que antes era sujeito, passa agora a ser determinado por esse movimento que Marx atribui ser o movimento mesmo do capital.

Como o dinheiro é imediatamente trocável, ele só realiza essa função na medida em que todas as mercadorias são vistas como cristalização de trabalho humano, assim sua abstração real também condiciona a troca de mercadorias. Nas palavras de Jappe: “O dinheiro representa algo de abstrato – o valor, e representa-o enquanto algo de abstrato. Uma soma de dinheiro pode representar qualquer valor de uso, qualquer trabalho concreto. Onde a circulação de bens for mediada pelo dinheiro, a abstração tornou-se algo de bastante real. Podemos então falar de uma ‘abstração real’.”⁷⁵ Ou ainda: “o dinheiro não representa os valores de uso na sua multiplicidade, antes é a forma visível de uma abstração social, o valor.”⁷⁶

⁷³ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P. 74

⁷⁴ JAPPE, Anselm. As Aventuras da Mercadoria. P. 49.

⁷⁵ Idem. Ibid. p. 39.

⁷⁶ JAPPE, Anselm. As Aventuras da Mercadoria. P. 48.

Podemos dizer que a sociedade encontra-se invertida nesse ponto pois o abstrato, resultante do valor de troca na análise básica da mercadoria, manifesta-se indiretamente, pois precisa do valor de uso de outra mercadoria para vir à tona. Já encontramos essa inversão na forma simples da relação de troca entre duas mercadorias, na exata medida que o valor de uso do equivalente é apagado pelo valor de troca da mercadoria relativa. Aqui percebemos o mesmo movimento, porém mais forte, uma vez que o valor de uso do dinheiro está negado, numa posição fixa.

O dinheiro expressa o valor, posicionando, desse modo, como vimos, em equivalente universal. Quando entra no processo de troca ocorre uma inversão também nesse processo. A mercadoria passa a ter o valor expresso no dinheiro, mas esse valor aparenta estar na própria mercadoria, como se lhe fosse natural. O reflexo invertido da mercadoria no dinheiro é de tal modo real, que se acredita que as mercadorias possuem aquele valor determinado pelo mercado e expresso no preço. O que é esse valor? É produto de trabalho humano abstrato que está cristalizado no dinheiro e que reflete para a mercadoria, pois nessa relação o que se revela é o valor de troca da mercadoria em questão. O dinheiro reflete para a mercadoria o seu valor social e do qual ganha vida e coordena as relações entre os produtores de mercadoria. A relação torna-se invertida e é presenciada na sua realidade ainda mais apurada com o desenvolvimento da forma dinheiro. Essa relação invertida Marx denomina de fetichismo da mercadoria⁷⁷

Notamos a contradição constitutiva da mercadoria expressa em todos os desdobramentos que compõe o sistema capitalista. A separação da propriedade privada existente nesse sistema faz com que o produtor não mais tenha prioridade sobre o seu produto do trabalho, o que passa a pertencer ao capitalista, detentor dos meios de produção. Essa separação faz com que o trabalhador não se reconheça mais em seu produto, pois ele produz para outros, para satisfazer a necessidade de outros. E para que os seus produtos sejam trocados é necessário que eles possuam uma natureza tal que possibilite a troca. Os trabalhadores já não se reconhecem mais em seus produtos, pois agora eles refletem aquilo que caracteriza o sistema capitalista propriamente dito, isto é, a mercadoria na troca reflete o trabalho abstrato que impõe seu valor e iguala todas as mercadorias na mesma equação. Não é mais o trabalho concreto que atribui valor à

⁷⁷ Falaremos desse conceito no capítulo sobre o fetichismo.

mercadoria e sim, o trabalho abstrato, a capacidade de qualquer ser humano de vender a sua força de trabalho sem distinção pela forma como será feita. O valor agora encarnado na mercadoria estabelece a ligação social perdida no processo de produção que retorna na medida em que os produtos são comprados e vendidos, constituindo um nexos social.

Como não se reconhecem no produto que produziram, acreditam que a mercadoria possui valor natural, que é do próprio corpo da mercadoria que constitui o valor que lhe é atribuído. Assim, prevalece uma inversão que coordena todos os movimentos da troca de mercadorias, ressaltando uma abstração real que se concretiza indiretamente, tomando o corpo de uma mercadoria específica como seu portador.

3.1 A circulação do dinheiro

É fundamental desenvolvermos esse aspecto da mercadoria dinheiro, pois ela é crucial na formação do capital, na troca entre trabalho assalariado e comprador, na formação de mais valor, o fim pelo qual o sistema capitalista se reproduz. Todo esse desdobramento está assentado na relação social elementar e básica, a relação entre mercadorias e é tendo em vista esse ponto que mostraremos a metamorfose destas no processo de circulação.

A troca entre mercadorias, seu movimento que permuta de produtor para comprador, constitui no metabolismo social ⁷⁸ desse sistema, na qual uma mercadoria passa da posição de valor de troca ao seu produtor para ser consumida no valor de uso daquele que se apropriou desta por meio da compra. E ela entra nessa circulação por meio do dinheiro, da mercadoria equivalente. De acordo com Marx: “esse processo produz uma duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro, uma antítese imanente entre valor de uso e valor. Nessa antítese, as mercadorias confrontam-se como valores de uso, com o dinheiro, como valor de troca. Por outro lado, ambos os lados da antítese são mercadorias, portanto, unidades de valor de uso e valor. Mas essa unidade de diferenças se representa inversamente em cada um dos dois polos, e por isso representa, ao mesmo tempo, a correlação entre eles” ⁷⁹. Essa correlação possibilita a troca entre elas, entre mercadoria e dinheiro. Assim que se obtém dinheiro na venda da mercadoria é possível retornar ao processo, porém agora comprando outra mercadoria com esse dinheiro adquirido no primeiro momento. E esse processo de troca constitui na metamorfose das mercadorias, uma vez que a forma da mercadoria se transforma em dinheiro e este se transforma, por sua vez, em outra mercadoria, percorrendo, também, o trajeto que vai do vendedor da mercadoria no início desse circuito para o comprador dessa mercadoria. Esse movimento é caracterizado por Marx como a circulação simples entre mercadorias

⁷⁸ MARX, Karl. O Capital. P. 93.

⁷⁹ Idem. Ibid.

e é representada da seguinte forma: M-D-M⁸⁰, sendo o primeiro momento M-D entendido como a venda e o segundo, D-M, a compra de mercadorias.

A primeira metamorfose ocorre na venda, na medida em que a mercadoria produzida seja trocada por dinheiro. Aqui nesse ponto observamos o desdobramento da mercadoria e seu reflexo de valor de troca representado no dinheiro, ponto desenvolvido quando trabalhamos a questão do equivalente geral. Para que a mercadoria possa obter o dinheiro que “encontra-se em bolso alheio”⁸¹ ela precisa ser valor de troca para o seu possuidor e ser valor de uso para o seu vendedor.

Diferente do ocorre na troca simples entre duas mercadorias, aqui o dinheiro despojado de seu valor de uso como equivalente geral reflete o valor de troca da mercadoria, expressando a grandeza de seu valor em preço. O ponto é que apesar da diversidade de mercadorias encontradas no mercado, o seu valor expresso no dinheiro sempre reflete a relação social desse sistema e sua divisão de trabalho. “A divisão social do trabalho torna tão unilateral seu trabalho quanto multilaterais suas necessidades”⁸², ou seja, produz-se muitos valores de uso e muitas vendas de mercadorias ocorrem a fim de satisfazerem necessidades humanas, porém, o que está por trás dessa aparência consiste no fato de que a forma como o trabalho é despendido é que condiciona a troca e, portanto, o valor produzido por essa sociedade. E é essa relação que o dinheiro reflete. Aqui percebemos de forma mais intensa o valor que estava expresso na troca entre duas mercadorias qualquer, pois o dinheiro posiciona a mercadoria como sendo valor de uso e esta, por sua vez, posiciona, numa oposição, o dinheiro como o valor de troca.

Como o dinheiro mostra que todas as mercadorias possuem o mesmo valor, então podemos perceber já nesse processo da circulação simples, o nivelamento de todas as mercadorias, como se todas fossem iguais. Da mesma forma, se todas são iguais o trabalho particular que produziu cada uma singularmente se iguala, mostrando uma

⁸⁰ Idem. Ibid. P. 94.

⁸¹ Idem. Ibid.

⁸² Idem. Ibid.

troca mesmo entre equivalentes⁸³, produzindo uma igualdade⁸⁴ entre os produtores diversos. Essa característica é oriunda desse sistema que se organiza numa forma particular da divisão do trabalho, em que cada trabalhador se encontra separado, isolado do meio social, pois se encontra despojado dos meios de produção fundamentais para a produção de objetos, para a concretização de seu trabalho. Desse modo, o produtor não se reconhece no seu produto, ele se torna reificado. Nas palavras de Marx: “nossos possuidores de mercadorias descobrem por isso que a mesma divisão de trabalho, que os torna produtores privados independentes, torna independentes deles mesmos o processo social de produção e suas relações dentro desse processo, e que a independência recíproca das pessoas se complementa num sistema de dependência reificada universal”⁸⁵.

Encontramos então, numa investigação mais apurada, aquilo que a relação entre mercadoria e dinheiro revela. O dinheiro, portanto, pode ser visto como esse processo de abstração real, na qual o trabalho homogêneo determina o valor que movimenta esse tipo de sociedade, negando, dialeticamente, o trabalho concreto produtor de valores de uso. Assim, o desenvolvimento do dinheiro parte da forma básica da mercadoria e é fundamental para que possa ocorrer a troca e a venda entre mercadorias. Como o próprio Marx sintetiza: “torna-se dinheiro real porque as mercadorias, pela sua alienação universal, fazem dele sua figura de uso realmente alienada ou transformada e, por isso, sua figura real de valor. Em sua figura de valor, a mercadoria desfaz-se de qualquer vestígio de seu valor de uso natural e do trabalho útil particular ao qual deve sua origem, para se metamorfosear na materialização social uniforme de trabalho humano indistinto”⁸⁶.

⁸³ Veremos em detalhes a igualdade como momento crucial do desenvolvimento do sistema no item sobre a força de trabalho.

⁸⁴ Rosdolsky mostra que essa igualdade já está presente na troca entre equivalentes se torna mais nítido com o advento do dinheiro: “Marx prossegue investigando como as ideias de igualdade, liberdade e reciprocidade - que surgem do intercâmbio de mercadorias e estabelecem as bases da relação entre proprietários dessas mercadorias - se consolidam e se aperfeiçoam graças ao sistema monetário”. P. 159.

⁸⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 95.

⁸⁶ Idem. Ibid. p. 96.

A metamorfose da mercadoria se dá, então, quando esta passa para a forma dinheiro e deste quando retorna para a forma de mercadoria, lembrando que nesse processo de circulação simples, Marx mostra duas mercadorias distintas, uma que é vendida por dinheiro e este, por sua vez, destinado para a compra de outra mercadoria. Trabalho produzido aqui, por um fabricante, serve para trocar por dinheiro a fim de conseguir trabalho alheio materializado na mercadoria que se pretende consumir.

O segundo ato dessa circulação simples consiste na compra da mercadoria, no D-M. “A primeira metamorfose de uma mercadoria, sua transformação da forma mercadoria em dinheiro, é sempre, simultaneamente, a segunda metamorfose inversa de outra mercadoria, sua retransformação da forma dinheiro em mercadoria”⁸⁷. Na primeira forma percebemos o aspecto da mercadoria vendida por dinheiro e, nesse segunda forma o que importa são as mercadorias que são compradas. Nesse ponto, como o começo da relação se dá com o dinheiro e este é tido como o equivalente geral, então ele compra qualquer tipo de mercadoria. No primeiro momento, a diferença consiste no fato de que uma mercadoria isolada está expressa no dinheiro; em contrapartida, o segundo movimento ressalta o equivalente universal que pode comprar diversas mercadorias que serão consumidas pelo produtor da primeira mercadoria. “Uma venda desemboca, por isso, em muitas compras de várias mercadorias. A metamorfose final de uma mercadoria constitui, assim, uma soma de primeiras metamorfoses de outras mercadorias”⁸⁸.

Porém, tanto o primeiro processo como o segundo mostram que a circulação simples, na verdade, opõe dois momentos que, no fim se completam e fecham o circuito. “Essas duas transformações contrapostas da mercadoria operam em dois processos sociais contrapostos do possuidor de mercadorias e se refletem em dois caracteres econômicos contrapostos do mesmo”⁸⁹. Assim, o possuidor de mercadoria situado no início do circuito também pode ser o comprador de mercadorias, representado no segundo momento e desse modo, os produtores de mercadorias se intercalam na função ora de

⁸⁷ Idem. Ibid.

⁸⁸ Idem. Ibid. p. 97.

⁸⁹ Idem. Ibid.

vendedor, ora de comprador, não se estabelecendo uma posição fixa entre produtores e vendedores.

O dinheiro possibilita a expansão da troca, não se limitando a condições territoriais, individuais, o que acarreta também na perda da dimensão desse processo, pois o dinheiro simboliza uma perda de controle e de conhecimento do alcance das trocas. Como dissemos, isso é um reflexo do processo de igualização empregue por essa categoria, que nivela todos os trabalhos individuais no seu aspecto fisiológico a fim de possibilitar a troca entre mercadorias.

O movimento desse circuito simples inicia-se com a mercadoria vendida para se encerrar com a mercadoria comprada, o que nos mostra que o consumo é o destino desse movimento. Inicia-se com a mercadoria e termina com outra, utilizando-se do dinheiro como meio para se adquirir mercadorias diferentes daquela que o produtor fez. O dinheiro, portanto, aparece como o responsável pelo movimento entre mercadorias⁹⁰, como se ele as colocasse nas mãos dos compradores e, uma vez que ele é entendido como o equivalente geral, todas as outras mercadorias precisam dele para colocar em cena, mostrarem o seu valor de troca. E Marx sintetiza esse ponto: “O resultado da circulação, substituição de uma mercadoria por outra, aparece portanto intermediado não pela própria mudança de forma, porém pela função do dinheiro como meio circulante, o qual circula as mercadorias em si mesmas inertes, transferindo-as das mãos na qual elas são não-valores de uso para as mãos na qual elas são valores de uso, sempre em direção contrária ao seu próprio curso. O dinheiro afasta as mercadorias constantemente da esfera da circulação, ao colocar-se continuamente em seus lugares na circulação e, com isso, distanciando-se de seu próprio ponto de partida. Embora o movimento do dinheiro seja portanto apenas a expressão da circulação de mercadorias, a circulação de mercadorias aparece, ao contrário, apenas como resultado do movimento do dinheiro”⁹¹.

É importante o desenvolvimento dessa categoria para mostrar como a função do dinheiro se exerce, e como ele vai se destacando da relação com a mercadoria,

⁹⁰ Encontramos também a inversão fetichista nesse ponto da circulação simples.

⁹¹ Marx. Karl. O Capital. P. 100.

tornando-se autônomo no processo, aparecendo como se ele coordenasse todo o movimento. Porém, esse movimento se encerra com o consumo da mercadoria, com o dinheiro sendo gasto para a compra da mercadoria que se encontra no segundo movimento dessa circulação simples. No entanto, não observamos nessa circulação a produção de um valor excedente e nesse ponto essa forma da circulação simples encontra um impasse.

Observamos que no sistema capitalista existe a produção de mais dinheiro e que as mercadorias são produzidas para serem vendidas, com o intuito de se adquirir mais dinheiro em relação ao que foi investido no início. Como conciliar a investigação das categorias econômicas de acordo com seus desdobramentos lógicos e o desenvolvimento histórico? Percebemos que nesse ponto da compreensão do dinheiro é necessário perceber o limite dessa circulação simples para avançar a um novo tipo de circulação que possa abranger essa sociedade produtora de mercadorias de uma forma mais ampla. Assim, “dinheiro como dinheiro e dinheiro como capital diferenciam-se primeiro por sua forma diferente de circulação”⁹². Para a compreensão do dinheiro nessa esfera é necessário perceber que a “produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias, comércio, são os pressupostos históricos sob os quais ele surge”⁹³.

Um ponto em comum entre essas formas de circulação consiste no fato de que já na circulação simples percebemos o dinheiro num processo de autonomização perante as mercadorias, pois ele se encontrava independente da produção de mercadorias, facilitando a circulação entre elas e expressando o valor que elas possuem em comum. Na circulação mais complexa o dinheiro se autonomiza, posicionando-se agora nesse ponto como o fim último da troca, a criação de mais valor. Ela é entendida como D-M-D⁹⁴. Assim como na circulação simples existia “duas fases antitéticas”⁹⁵, aqui também percebemos que, na primeira fase, D-M, dinheiro que compra mercadoria e na segunda, M-D, mercadoria que é vendida a fim de se obter dinheiro. O intuito nesse circuito é a

⁹² Idem. Ibid. p. 121.

⁹³ Idem. Ibid.

⁹⁴ Idem. Ibid.

⁹⁵ Idem. Ibid.

obtenção de mais dinheiro e não de outras mercadorias a serem consumidas, como ocorria com a circulação simples. De acordo com Marx: “o ciclo M-D-M parte do extremo de uma mercadoria e se encerra com o extremo de outra mercadoria, que sai da circulação e entra no consumo. Consumo, satisfação de necessidades, em uma palavra, valor de uso, é, por conseguinte, seu objetivo final. O ciclo D-M-D, pelo contrário, parte do extremo do dinheiro e volta finalmente ao mesmo extremo. Seu motivo indutor e sua finalidade determinante é, portanto, o próprio valor de troca”⁹⁶.

Os extremos da circulação simples constituem mercadorias diferentes, com valores de uso diversos, diferentemente do que ocorre, à primeira vista, com o segundo ciclo que possui, em suas extremidades, dinheiro. Como vimos, o dinheiro, por ser o equivalente geral, possui o seu valor de uso negado quando este se depara na troca com outra mercadoria (embora ele possua valor de uso, pois é também uma mercadoria). Assim, o conteúdo expresso nessa relação parece uma tautologia, já que se teve dinheiro tanto no início como no final da circulação. No entanto, Marx mostra que nessa relação se obtém, no final do ciclo, mais dinheiro, de modo que esse dinheiro situado na última posição é entendido agora como D'. Portanto, a circulação responsável para a criação de mais valor é a seguinte: D-M-D'.

Neste processo, a passagem da circulação simples para a circulação do capital não acarreta no desaparecimento da primeira, antes estabelece uma relação em que as determinações presentes na circulação simples adquirem novos significados. De acordo com Grespan: “As determinações já da circulação simples não são simplesmente anuladas pelas da produção capitalista, mas também não são mantidas como se a elas não se acrescentasse algo fundamental, isto é, que lhes dá um novo fundamento. E superado justamente o conteúdo da circulação simples, o objetivo de vender para comprar valores-de-uso, produtos que satisfaçam necessidades de consumo. Mas a circulação simples existe dentro da capitalista, quando o que circula são simples mercadorias e dinheiro, e não capital-mercadoria e capital-dinheiro; quando não há investimento, mas simples compra de bens de consumo pelos assalariados ou pelos capitalistas que também usam assim parte da mais-valia. Não é que a circulação simples

⁹⁶ Idem. Ibid. p. 123.

seja mera hipótese irrealista, portanto, mero pressuposto lógico para desenvolver o capital; ela existe, embota de modo subordinado à circulação e produção capitalista.”⁹⁷

E Marx nos diz acerca desses dois tipos de circulação: “A circulação simples de mercadorias – a venda para a compra – serve de meio para um objetivo final que está fora da circulação, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades. A circulação do dinheiro como capital é, pelo contrário, uma finalidade em si mesma, pois a valorização do valor só existe dentro desse movimento sempre renovado. Por isso o movimento do capital é insaciável”⁹⁸.

O dinheiro encontra-se cada vez mais autônomo, como o fim a ser alcançado na relação de troca. Ele passa a ser o objetivo almejado pelo capitalista, tendo a mercadoria como meio para se obter mais valor. Se na circulação simples percebemos como o dinheiro possuía a capacidade de por em movimento as mercadorias, aqui ele se utiliza das mercadorias para se reproduzir, função que o determina como capital.

A pessoa que possui esse dinheiro e que obtém mais valia torna-se, desse modo, o capitalista. “Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é o ponto de partida e o ponto de retorno do dinheiro. O conteúdo objetivo daquela circulação – a valorização do valor – é sua meta subjetiva, e só enquanto a apropriação crescente da riqueza abstrata é o único motivo indutor de suas operações, ele funciona como capitalista ou capital personificado, dotado de vontade e consciência. O valor de uso nunca deve ser tratado, portanto, como meta imediata do capitalismo”⁹⁹.

Interessante pontuarmos essa inversão. Marx primeiramente mostra o movimento do dinheiro para, em seguida, comentar acerca da pessoa que compra ou vende mercadorias e com isso ganha um lucro, expressão da mais valia. “O possuidor do dinheiro” aparece na argumentação de Marx após o dinheiro, o que ressalta o fato de que no sistema capitalista a pessoa, o ser humano está cada vez mais subordinado ao movimento do capital, ao dinheiro que se valoriza. O dinheiro aqui é o sujeito, que se objetiva a cada processo e que mostra aos possuidores de mercadorias o trabalho abstrato socialmente

⁹⁷ GRESPLAN, Jorge. A Dialética do Avesso. P. 41-42.

⁹⁸ MARX, Karl. O Capital. p. 125.

⁹⁹ Idem. Ibid.

necessário expresso na troca. Já na circulação simples o dinheiro possuía essa característica de ocultar a divisão social do trabalho, porém na circulação do capital, o dinheiro aparece como o movimento que se autovaloriza, cada vez mais independente.

Segundo Marx: “as formas autônomas, as formas dinheiro, que o valor das mercadorias assume na circulação simples mediam apenas o intercâmbio de mercadorias e desaparecem no resultado final do movimento. Na circulação D-M-D, pelo contrário, ambos, mercadoria e dinheiro, funcionam apenas como modos diferentes de existência do próprio valor, o dinheiro o seu modo geral, a mercadoria o seu modo particular, por assim dizer apenas camuflado, de existência. Ele passa continuamente de uma forma para outra, sem perder-se nesse movimento, e assim se transforma num sujeito automático”¹⁰⁰.

Na circulação simples constatamos a oposição entre o valor de troca do dinheiro com o valor de uso das mercadorias singulares, o que a troca entre eles ressaltava era a grandeza de valor, o valor de troca que permitia a compra e a venda de mercadorias. Porém, nessa circulação do capital, o valor se contrapõe cada vez mais e submete cada vez mais o valor de uso das mercadorias, numa oposição dialética. O dinheiro se posiciona nos dois extremos dessa circulação, o que resalta ainda mais como os produtos neste sistema são meios, portadores do valor. Aqui o dinheiro e a mercadoria são as formas pelas quais o dinheiro passa no intuito de se valorizar e aqui mesmo podemos notar como essa abstração, o valor, torna-se real. Ele subordina o valor de uso para se multiplicar, o que caracteriza ainda mais a relação autônoma do dinheiro. De acordo com Marx: “se na circulação simples o valor das mercadorias adquire no máximo, em confronto com seu valor de uso, a forma autônoma de dinheiro, aqui ele se apresenta subitamente como uma substância em processo e semovente, para qual mercadoria e dinheiro são ambos meras formas. Mas ainda mais. Ao invés de representar relações mercantis, ele entra agora, por assim dizer, numa relação privada consigo mesmo”¹⁰¹.

¹⁰⁰ Idem. Ibid. P. 126.

¹⁰¹ Idem. Ibid. p. 126-127.

Não é uma substância inerte e distanciada do real, mas uma substância em processo, em constante movimento de se autovalorizar e também de agravar cada vez mais a desigualdade constitutiva desse sistema, pois ressalta cada vez mais a oposição entre o trabalhador que vende sua força de trabalho e o proprietário dos meios de produção que detém as condições necessárias para que a mercadoria se produza¹⁰². E essa substância não é o dinheiro, mas o valor, como dissemos acima, que se reveste da forma de dinheiro para obter mais dinheiro, para se valorizar. No entanto, esse processo só ocorre quando ele passa para a forma mercadoria (um tipo particular de mercadoria que produz mais valor) e culmina no final do circuito, em mais valor, em D’.

Assim, de acordo com Grespan : “a distância que havia entre o interior que não era a finalidade e o exterior das formas é eliminada quando a própria ‘substância’ do valor adota uma forma-valor – a força de trabalho, uma mercadoria que é fonte de valor – e se inscreve no novo objetivo que define como necessária a passagem entre a forma-mercadoria e a forma-dinheiro (incluindo a da mercadoria-força de trabalho ao dinheiro-salário). Transformando em finalidade de si mesmo, o valor agora é um interior que se apresenta completamente na forma exterior, isto é, que determina esta forma de existência como algo necessário. Ele se torna o conteúdo verdadeiro de seu movimento, que passa a ser processo de constituição. Não só a forma supõe o valor como substrato interior, mas também este agora supõe a forma, para se determinar pelo movimento de uma a outra. Define-se precisamente, com isso, o significado de ‘processo’ como o vir-a-ser do capital através da passagem necessária pelas fases ou formas em que ele se explicita e exterioriza enquanto conteúdo”¹⁰³.

Essa mudança de forma é o que possibilita entender a circulação de capital como possuindo os dois extremos equivalentes. Na circulação simples, os dois extremos, o começo e o fim do ciclo, era constituído por mercadoria, e como dinheiro também é mercadoria, logo a troca se dava entre equivalentes. Na circulação do capital, os dois extremos são dinheiro: D-M-D’, no entanto, como conciliar o princípio de equivalência com a produção de mais-valor? De acordo com Grespan: “para que sejam mantidos os princípios da circulação e a própria lei do valor, a troca tem de ser de equivalentes, de

¹⁰² Mostraremos esse desenvolvimento do trabalho assalariado no capítulo sobre o trabalho.

¹⁰³ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P. 122.

modo que a mais-valia não pode originar-se simplesmente na circulação”¹⁰⁴. Essa substância formal do valor precisa percorrer uma forma específica de mercadoria para conseguir se reproduzir. E a mercadoria que produz valor é o trabalho, a força de trabalho que o proprietário dos meios de produção compra, com o intuito de obter mais dinheiro, de ter lucro.

A mais-valia aparece na circulação do capital, mas tem-se uma relação contraditória, pois ela não pode surgir somente desse processo. No entanto, como o valor se transforma e percorre as formas dessa circulação, a mercadoria-trabalho serve de meio para valorizar o valor inicial, estabelecendo, assim, uma oposição entre o processo de produção e o processo de circulação. Essa oposição torna esses dois processos como dependentes um do outro, a existência do processo de circulação pressupõe o da produção, tornando-se necessário transitar por esse ponto. “Capital não pode, portanto, originar-se da circulação e, tampouco, não originar-se da circulação. Deve, ao mesmo tempo, originar-se e não se originar dela”¹⁰⁵.

O processo de circulação do capital tem como base o processo de circulação simples, pois percebendo o limite deste que se desenvolve aquele, baseado também na realidade histórica do sistema capitalista. O dinheiro desdobrado da mercadoria e constatado no processo de circulação simples é importante, uma vez que ele serve de meio de pagamento para a mercadoria-trabalho que se encontra na circulação do capital. O dinheiro como dinheiro também se encontra na circulação do capital, na sua forma particular. E a produção de mais valor se dá no consumo da força de trabalho, no processo de produção; no entanto, para que ela possa ser vendida, adquirir um salário, o trabalho aqui na sua forma particular de trabalho assalariado precisa entrar na circulação para vender sua capacidade de trabalho e adquirir dinheiro para consumir mercadorias. E dessa maneira, quando o dinheiro se valoriza mediante a força de trabalho ele se torna capital.

A circulação simples é um desdobramento da forma-mercadoria e a sua relação com o dinheiro. Para adquirir uma mercadoria feita por trabalho alheio, uma vez que o

¹⁰⁴ Idem. Ibid. p. 99.

¹⁰⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 134.

homem, aqui na sociedade mercantil, não produz mais objetos que satisfaçam suas necessidades, ele recorre à venda da mercadoria que produziu em troca de dinheiro a fim de obter outra mercadoria que será por ele consumida. Nessa circulação encontramos produtores privados e que se relacionam socialmente mediante a troca de mercadorias. Assim, esses produtores possuem os seus meios para produzir suas mercadorias que servem de valor de troca para eles.

Na circulação do capital, que é desdobrada dessa circulação mais simples, o aspecto social encontra-se mais acirrado, aqui existe a separação entre os meios de produção e o trabalhador que se encontra privado da riqueza social. Para adquirir mercadorias ele precisa vender a única mercadoria que possui, a sua força de trabalho que é medida pelo tempo socialmente necessário. Ele entra na esfera da circulação, vende sua força de trabalho para o capitalista e produz mercadorias. O ponto aqui é que essas mercadorias não se encontram no poder do trabalhador, mas passam para as mãos do capitalista e é nesse processo que se produz mais valor. A análise da circulação do capital mostra de forma ainda mais nítida a desigualdade e a contradição presente na constituição da mercadoria. Nesse ponto, a divisão do trabalho se intensifica e a igualdade entre os equivalentes, entre os possuidores de mercadorias se torna necessária. Já encontramos esse aspecto da equivalência na circulação simples, aqui ela se expressa entre o trabalhador assalariado e o capitalista.

4. O Trabalho

4.1 - O Trabalho Abstrato

A mercadoria trabalho é fundamental para esse sistema, pois é por meio dela que se cria o valor. No entanto, o trabalho individual isolado não consegue produzir valor¹⁰⁶, ele só produz na medida em que faz parte da realidade social que o integra. Ou seja, somente o trabalho social, abstrato é produtor e constitui medida de valor, o que acarreta na perda de objetividade da ação do trabalhador isolado. Ele não possui mais autonomia acerca do seu trabalho, mas ele integra um todo que comanda como ele deve produzir e quanto de tempo será despendido. “O tempo de trabalho apresentado no valor de troca é tempo de trabalho do indivíduo, mas de um indivíduo que não se distingue de outro e nem de todos os demais envolvidos enquanto realizem trabalho igual; daí ser o tempo de trabalho requerido por um deles para a produção de uma determinada mercadoria o tempo de trabalho necessário que qualquer outro empregaria para a produção da mesma mercadoria.”¹⁰⁷.

O trabalho abstrato não é uma mera abstração das características específicas de cada trabalho, é antes uma forma social que se impõe aos trabalhadores todos os dias no processo de produção¹⁰⁸. O problema que se coloca é o seguinte: como se dá essa abstração? Em que medida o trabalho abstrato se relaciona com o trabalho concreto? Como podemos entender essa abstração como real? São essas as questões que tentaremos responder em seguida.

No capítulo sobre a mercadoria analisamos que o valor dela se expressa mediante a troca, na relação entre duas mercadorias, na qual a mercadoria equivalente expressa o valor contido na primeira, a que se encontra na posição de relativa. O ponto que

¹⁰⁶ GIANNOTTI, José Arthur. *Origens da Dialética do Trabalho*. P. 230 : “Já vimos que no sistema capitalista o trabalho individual não possui a faculdade de determinar a substância do valor; se no fundo essa nada mais exprime do que um conjunto de relações sociais cristalizadas, o último predicado retira da ação concreta individual sua autonomia e, por conseguinte, seu papel fundante.”

¹⁰⁷ MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. P. 34.

¹⁰⁸ Idem. *Ibid.* p. 33.

precisamos salientar é de que, no caso do trabalho, a abstração não se encontra somente na troca, mas na própria forma como o trabalho se posiciona na sociedade capitalista. Ruy Fausto¹⁰⁹ mostra que o trabalho é uma generalidade, não somente uma generalidade em decorrência do caráter fisiológico do trabalho, mas acima de tudo, como uma generalidade social, e por isso, uma generalidade singular¹¹⁰. Ela é singular porque, além dos trabalhos diferentes que, abstraídos, constituem fisiologicamente o mesmo dispêndio de trabalho, ela é, sobretudo, aquilo que põe essa universalidade, ou seja, que transforma os diversos trabalhos concretos em abstratos na troca entre mercadorias. E a generalidade singular é característica dessa forma de organização social, uma vez que o trabalho concreto passa a ser determinado pela abstração real. É como se o específico de cada trabalho fosse destituído dessa objetividade, transformando-se em apenas peças de um trabalho geral socialmente estabelecido. “E é precisamente esta unidade que retira aos seus agentes a condição de sujeitos”¹¹¹. Assim, o trabalho concreto perde sua objetividade na produção e passa a ser determinado pelo trabalho abstrato, por essa generalidade singular que o constitui, pois é esse fato que atribui valor às mercadorias. Importante ressaltar que essa negação não exclui totalmente o trabalho concreto da relação, o que acontece é a subordinação deste pelo movimento do próprio capital. A generalidade singular, portanto, possui uma relação dialética com o trabalho concreto.

Sobre a generalidade singular, Ruy Fausto cita um trecho do texto do Marx publicado na primeira edição do *Capital*, mas que foi suprimida nas outras edições. Nesse trecho, Marx fala acerca da forma valor: “Na forma III, que é a segunda forma invertida e que está portanto contida nela, a tela aparece pelo contrário como a forma genérica (Gattungsform) do equivalente para todas as outras mercadorias. É como se ao lado e além dos leões, tigres, lebres e todos os animais efetivamente reais, que agrupados constituem as diferentes raças, espécies e subespécies, famílias etc., do reino animal, existisse também o ANIMAL, encarnação individual de todo o reino animal. Tal indivíduo (ein solches Einzeln) que compreende em si mesmo todas as espécies efetivamente existentes da mesma coisa é um UNIVERSAL (ein Allgemeines), como

¹⁰⁹ FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política. P. 91.

¹¹⁰ Idem. Ibid. p. 92.

¹¹¹ Idem. Ibid.

por exemplo ANIMAL, DEUS, etc..”¹¹² O trabalho abstrato, portanto, é esse universal singular que abarca todos os trabalhos concretos, mas que também possui existência ao lado desses trabalhos concretos, opondo-se a eles.

Porém, o trabalho abstrato possui valor na medida em que o trabalho encontra-se na mercadoria, objetivado¹¹³. O que mede esse valor é o tempo de trabalho social cristalizado, objetivado na mercadoria e ele só se expressa na troca entre mercadorias distintas; dessa forma o trabalho abstrato, para ser entendido assim, pressupõe a troca, assim, os produtos são fabricados visando o mercado, a troca entre mercadorias. “Os produtos somente são mercadorias antes da troca, quando a produção já se faz tendo em vista a troca.”¹¹⁴ É a produção determinada pelo mercado, na qual os trabalhos concretos são coordenados sempre mediante o trabalho abstrato estabelecido socialmente, que enfatiza o aspecto real do trabalho abstrato.

Marx diz na Introdução de Para a Crítica da Economia Política: “A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho é fortuito, e, portanto, é-lhes indiferente. Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, deixando, como determinação, de se confundir com o indivíduo em sua particularidade. Esse estado de coisas se encontra mais desenvolvido na forma de existência mais moderna da sociedade burguesa – nos Estados Unidos. Aí, pois, a abstração da categoria ‘trabalho’, ‘trabalho em geral’, trabalho *sans phrase* (sem rodeios), ponto de partida da Economia moderna, torna-se pela primeira vez praticamente verdadeira. Assim, a abstração mais simples, que a Economia moderna situa em primeiro lugar e que exprime uma relação muito antiga e válida para todas as formas de sociedade, só aparece no entanto nessa abstração praticamente verdadeira como categoria da sociedade mais moderna”¹¹⁵. Assim, percebemos que Marx desenvolve

¹¹² MARX, Karl. O Capital. In: FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política. P. 91.

¹¹³ Idem. Ibid. p. 94 :” À abstração do trabalho corresponde a abstração valor: as mercadorias enquanto valores são trabalho objetivado (vergegenständliche Arbeit), trabalho cristalizado”

¹¹⁴ Idem. Ibid. p. 94-95.

¹¹⁵ MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. P. 17.

duas formas de trabalho abstrato: “Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral”, ou seja, existe o trabalho abstrato como categoria e também como realidade efetiva. O problema é pensar essa realidade efetiva (*Wirklichkeit*), como ela se encontra? Ruy Fausto¹¹⁶ nos mostra que esse trecho acarreta em muitos problemas se pensarmos na dualidade entre conhecimento e realidade¹¹⁷. O ponto aqui é mostrar como se desdobram, como essa categoria se relaciona com a realidade efetiva.

Se o trabalho abstrato fosse apenas redução das características físicas dos trabalhadores individuais, então poderíamos cair no erro de relacionar o desenvolvimento desse conceito, trabalho abstrato, com o trabalho pensado na perspectiva de David Ricardo que já dizia ser o tempo de trabalho a medida do valor. O ponto aqui fundamental é que esse dispêndio de trabalho humano, esse aspecto fisiológico pode ser considerado válido para outras épocas do desenvolvimento histórico, o que não explica de fato a característica desse sistema por nós estudado. No sistema capitalista, essa redução fisiológica faz parte de uma organização social, onde esse aspecto do trabalho é o que imprime valor aos trabalhos concretos. Anselm Jappe comenta acerca desse ponto: “Mas seria um enorme erro – embora frequente – pensar que Marx partilha desse ponto de vista e que o seu conceito de ‘trabalho abstrato’ é o mesmo que Smith e Ricardo haviam obtido mediante a sua *reductio ad unum*. De facto o ‘trabalho sem mais’ que se obtém pela via desta redução é independente de toda a determinação social e existe em todas as sociedades. Trata-se de um puro facto fisiológico: o dispêndio de trabalho físico ou mental”¹¹⁸.

O fato de que o trabalhador pode se locomover de um trabalho para outro, onde o que importa é apenas sua característica simples, fisiológica, não implica, necessariamente, na realização do valor, na objetivação do trabalho abstrato. Ela é a aparência desse

¹¹⁶ FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política. P. 96.

¹¹⁷ Jorge Grespan, em seu livro, *O Negativo do Capital*, pág. 63, também enfatiza as duas formas de se entender o trabalho abstrato: “As duas definições de ‘trabalho abstrato’ – dispêndio genérico de energia produtiva e resultado da sociabilização dos trabalhos privado-concretos através da troca – vistas por alguns críticos como incompatíveis e problemáticas, são consideradas por Marx como complementares.”

¹¹⁸ JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria*. P. 38.

trabalho geral que a constitui. “A mobilidade do trabalhador não realiza o universal que é *ao mesmo tempo* singular, o universal só é aqui uma sucessão de singularidades ou de particularidades. Quanto à experiência da indiferença em relação ao trabalho determinado, se através dela se realiza efetivamente uma síntese, trata-se entretanto de uma síntese na ordem do vivido; ora, qualquer que seja o papel do vivido em *O Capital*, papel que sem dúvida não se poderia subestimar, o vivido, entretanto, *nunca é constitutivo.*”¹¹⁹ A realidade efetiva, no caso, “não é coextensiva à ordem do real, ela designa o momento da aparição da essência”¹²⁰, por conseguinte, o trabalho fisiológico da qual todo trabalhador possui é a expressão desse trabalho abstrato como categoria que retira o aspecto de sujeito do trabalho concreto e o coloca como dispêndio de trabalho humano no processo de produção.

Assim, esses dois aspectos são vistos como complementares, onde o que constitui o valor, o trabalho abstrato como categoria, aparece, se exterioriza nessa “mobilidade” que o trabalhador possui. “A mobilidade do trabalhador e a experiência vivida que lhe corresponde são pois a reflexão da categoria no plano da realidade fenomenal e do vivido.”¹²¹

Outro ponto crucial que devemos comentar é o fato de que o trabalho abstrato aparece na circulação simples, é uma das etapas do desdobramento da troca entre mercadorias, que também se dá no âmbito da circulação simples. Segundo Ruy Fausto¹²², esse momento é diferente do que ocorre na troca entre trabalho assalariado e capital, porém ele constitui a base para o desenvolvimento da categoria trabalho assalariado. Assim, o trabalho assalariado tem como pressuposto o trabalho abstrato, mas constituem categorias distintas. O dispêndio de trabalho humano presente no trabalho abstrato difere da força de trabalho encontrada no trabalho assalariado. “Se o trabalho abstrato não pode ser confundido com o trabalho assalariado, embora só haja trabalho abstrato quando há trabalho assalariado, o vivido que corresponde à primeira

¹¹⁹ FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política. P. 95-96.

¹²⁰ Idem. Ibid. p. 96.

¹²¹ Idem. Ibid.

¹²² Idem. Ibid.

determinação deve ser distinguido do vivido que corresponde à segunda.”¹²³ No desdobramento da lógica do capital, o trabalho abstrato social é o que atribui valor às mercadorias.

O trabalho, como dissemos anteriormente, também é uma mercadoria e por isso possui dois aspectos, o trabalho concreto e o trabalho abstrato. Desse modo, ele é uma relação, esses trabalhos não existem separados, mas um se relaciona com o outro na medida em que um se opõe ao seu outro aspecto, o que implica numa relação contraditória. O trabalho abstrato possui o trabalho concreto como seu contrário imediato, pois na medida em que ele é considerado, por exemplo, na troca entre duas mercadorias, o trabalho concreto que as produziu (e que é distinto em cada mercadoria) é negado nessa relação. Porém isso só ocorre se pensarmos o trabalho abstrato numa relação de oposição com o outro polo da relação, o trabalho concreto. Se o trabalho é colocado como gênero em relação ao trabalho concreto, além de ver os dois aspectos como trabalhos diferentes e portanto, possuindo existências distintas, também se perde o âmbito social e específico em que essa relação se efetua. Ruy Fausto atenta para essas leituras superficiais acerca desse ponto¹²⁴ e nos mostra a importância de pensar o trabalho como universal singular. “Tudo muda, se se pensar o trabalho abstrato (e também o valor) como universal concreto, isto é, como um objeto que contém ao mesmo tempo a universalidade e a singularidade. Nesse caso, e nesse caso somente, se poderá falar rigorosamente de *contrariedade*.”¹²⁵

Essa relação entre aspectos opostos mostra uma tensão¹²⁶ presente, no caso, tanto no trabalho concreto como no trabalho abstrato, pois, na medida em que o trabalho concreto aparece, por exemplo, no valor de uso, o trabalho abstrato é negado, no entanto ele permanece na relação se posicionando como não sendo o trabalho concreto. Ele surge na troca e, nesse ponto, o trabalho concreto, na medida em que ele se encontra no outro polo da relação, na posição de equivalente, ele perde o seu aspecto de valor de uso para servir apenas como valor de troca. O seu aspecto útil é apagado pelo valor de troca,

¹²³ Idem. Ibid. p. 97.

¹²⁴ Idem. Ibid.

¹²⁵ Idem. Ibid. p. 98.

¹²⁶ Idem. Ibid.

mas ele não é eliminado da relação. Surge essa tensão que não é resolvida e que mostra a contradição presente nesse sistema.

Ruy Fausto cita o exemplo da relação entre dinheiro e mercadoria e isso fica ainda mais nítido. Quando a mercadoria está na relação de troca com o dinheiro, este possui o seu valor de uso negado, por ser considerado a mercadoria equivalente geral¹²⁷. Ele nega o aspecto útil da mercadoria na posição relativa, ressaltando o seu valor de troca. Desse modo, o dinheiro e a mercadoria parecem constituir duas coisas diferentes (problema que o próprio R. Fausto levanta), no entanto, ambas são mercadorias, a particularidade aqui é de que o dinheiro é um tipo de mercadoria que nega a mercadoria relativa. O dinheiro é o desdobramento da relação simples entre duas mercadorias, como já mostramos e dessa forma ele é entendido como o universal concreto. “É como se o universal invadissem o particular, de onde a tensão, que estaria ausente se se tratasse só do gênero ou só do indivíduo”¹²⁸.

O trabalho abstrato, então, não é somente a abstração das características singulares dos trabalhos, é também a expressão do valor que, por sua vez, é visto como uma coisa social, que impõe aos diversos trabalhos essa constituição de puro dispêndio de trabalho humano, indiferenciado, acarretando sempre numa relação contraditória, onde se encontra de um lado o trabalho concreto e de outro, a sua negação, o trabalho abstrato. Assim, o trabalho é, simultaneamente, trabalho concreto e abstrato, porém só possui essa constituição dentro do sistema capitalista, já que este está assentado na divisão social do trabalho e na privação dos meios de trabalho aos trabalhadores¹²⁹.

¹²⁷ Como mostramos no capítulo sobre o dinheiro.

¹²⁸ FAUSTO, Ruy. *Lógica e Política*. P. 98.

¹²⁹ De acordo com Jorge Grespan, *O Negativo do Capital*, p. 64-65: “A existência fisiológica do trabalho abstrato, para Marx, é apenas a condição efetiva para a constituição do valor, que se dá ‘de fato’ só com a existência das condições sociais da produção privada de mercadoria. A abstração, enquanto generalização fisiológica, pode ser pensada também para outros tipos de sociedade, sem que nelas se constitua o valor; pois se não existir a propriedade privada como base de produção, ela não se torna ‘fato’.”

O valor seria essa substância¹³⁰ que por meio desse movimento dialético torna-se sujeito, destituindo o trabalhador de sua condição de sujeito e transformando os trabalhadores em indivíduos subordinados ao movimento próprio do capital. Segundo Ruy Fausto: “é necessário fazer do trabalho abstrato uma coisa-social substância – porque o valor não é um *quantum* que os agentes estabelecem subjetivamente (...), mas algo que se impõe socialmente, e que é ao mesmo tempo qualidade e quantidade, para chegar a uma definição do capital em termos de movimento-sujeito.”¹³¹

Ruy Fausto refuta a ideia defendida por Castoriadis¹³² de que o primeiro capítulo de O Capital é metafísico, pois o valor é defendido por Marx como uma substância. O que Castoriadis não percebeu é que essa ideia de substância abrange não uma forma deslocada da realidade, mas a constituição mesma do valor que possui o aspecto qualitativo e quantitativo. Se possuísse apenas o aspecto quantitativo, este cairia numa unilateralidade do processo, sem considerar o âmbito concreto ao qual é fundamental para o valor se manifestar. O valor se estabelece de modo indireto, por meio do trabalho concreto e expresso na relação de trocas entre mercadorias concretas. “Por trás do *quantum* de tempo de trabalho, é necessário evidentemente pensar uma qualidade, e essa qualidade é preciso toma-la em sentido forte. O que permite pensar os agentes como *suportes* da relação de valor e do trabalho abstrato, que são logicamente os verdadeiros pontos de partida.”¹³³

O valor se apropria do concreto do mundo das mercadorias, do concreto do trabalho para se mostrar, pois ele não pode se mostrar sozinho. Esse valor impõe que seja assim, pois somente dessa forma ele consegue se produzir. A qualidade, portanto, nunca é negada, mas é tomada como um meio necessário pelo qual o valor se manifesta. Com a mercadoria força de trabalho, no processo de circulação do capital, isso se torna cada vez mais nítido, pois o valor se apropria do valor de uso dessa força para produzir mais valor e continuar o movimento do capital. É nesse sentido que Ruy Fausto diz que os

¹³⁰ Acerca desse tema e das problemáticas que dele decorre trataremos especificamente no capítulo sobre o fetichismo.

¹³¹ FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e política. P. 100.

¹³² Idem. Ibid.

¹³³ Idem. Ibid.

“clássicos também não chegam a pensar o capital como movimento-sujeito (a substância que se tornou sujeito)”.

A substância aqui que se tornou sujeito e que desdobrou da mercadoria é representada pelo dinheiro, quando analisamos esse processo no capítulo sobre o dinheiro. Na forma da circulação do capital, o dinheiro entra na circulação e sai dela com um valor aumentado, como D' . E ele só executa esse processo porque adquire mais valor da relação com a mercadoria criadora de valor: a força de trabalho. Dissemos no item sobre o método de Marx que a cisão fundamental entre trabalho e capital mostra uma relação de oposição entre ambos, na qual o trabalho constitui a subjetividade e o capital a objetividade que põe essa subjetividade a serviço de sua valorização. E esse movimento, “a substância que se tornou sujeito” mostra a constituição do capital.

A fim de analisar ainda mais esse movimento é necessário falarmos acerca da força de trabalho, o trabalho expresso na circulação do capital.

4.2 - A Força de Trabalho

Na circulação simples entre mercadorias, ponto discutido no capítulo referente ao dinheiro, o que percebemos era a relação M-D-M, na qual a mercadoria era o começo e o fim da relação que tinha como prioridade a troca e o consumo da mercadoria. Na circulação mais desenvolvida e que tem essa primeira como base é a D-M-D', em que o propósito consiste na obtenção de mais dinheiro, ou seja, a finalidade é a própria produção de mais dinheiro. Esse mais dinheiro se transforma em capital na medida em que o intuito da circulação é a produção de mais valor, de uma quantidade maior de dinheiro em relação ao dinheiro que encontramos no início do circuito.

No entanto, como esse dinheiro se valoriza? Como surge o mais-valor? A relação D-M-D' pode ser dividida em duas partes, sendo a primeira D-M e a segunda M-D', de onde se obtém a mais-valia. Como elas são troca de equivalentes, o que se pergunta é de onde poderia surgir o mais-valor, que aparece na segunda parte: M-D'? Só poderia derivar da primeira relação, D-M, no âmbito do valor de uso presente na mercadoria, no momento em que ela é consumida¹³⁴. No caso do dinheiro, como vimos anteriormente, o seu valor de uso é negado, uma vez que ele consiste em ocupar a posição de equivalente geral; ou seja, só é possível esse processo de valorização na relação com a mercadoria, com outro aspecto dela, o valor de uso. Então, o que nos resta é investigar a fundo o que seria, segundo Marx, o valor de uso dessa mercadoria e qual seria a natureza específica dela. De acordo com o próprio Marx: “Para extrair valor do consumo de uma mercadoria, nosso possuidor de dinheiro precisaria ter a sorte de descobrir dentro da esfera da circulação, no mercado, uma mercadoria cujo próprio valor de uso tivesse a característica peculiar de ser fonte de valor, portanto, cujo verdadeiro consumo fosse em si objetivação de trabalho, por conseguinte, criação de valor. E o possuidor de dinheiro encontra no mercado tal mercadoria específica – a capacidade de trabalho ou a força de trabalho”¹³⁵.

¹³⁴ MARX, Karl. O Capital. P. 135.

¹³⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 135.

Assim, a força de trabalho é responsável por produzir mercadorias e ela consiste em ser a capacidade fisiológica que toda pessoa possui, “o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem”¹³⁶ em cada pessoa.

Um ponto importante para a compreensão desse argumento: quais são as condições necessárias para que exista a força de trabalho disponível no mercado? A primeira condição é de que o trabalhador seja livre para vender a sua força de trabalho como mercadoria ao comprador. “Para que seu possuidor venda-a como mercadoria, ele deve poder dispor dela, ser, portanto, livre proprietário de sua capacidade de trabalho, de sua pessoa”¹³⁷. Assim, percebemos que a relação de troca de mercadorias se dá com dois possuidores de mercadorias ocupando os dois lados opostos da relação, o trabalhador vende sua força de trabalho, a mercadoria que ele possui para vender e, de outro lado, o comprador que, por sua vez, possui a mercadoria dinheiro destinada a realizar a compra da mercadoria trabalho.

Para continuar com essa condição fundamental de ser trabalhador livre, o trabalhador vende a sua capacidade de trabalho por um tempo determinado, pois, “como pessoa, ele tem de se relacionar com sua força de trabalho como sua propriedade e, portanto, sua própria mercadoria, e isso ele só pode à medida que ele a coloca à disposição do comprador apenas provisoriamente, por um prazo de tempo determinado, deixando-a ao consumo, portanto, sem renunciar à sua propriedade sobre ela por meio de sua alienação”¹³⁸. É somente por um tempo determinado que sua força de trabalho é mercadoria, pois mais do que isso ela perde a característica de se encontrar livre no mercado.

É crucial notar a importância da legalidade jurídica, onde tanto o trabalhador como o proprietário dos meios de produção são juridicamente livres e, por conta disso, a troca entre mercadorias pode ser efetuada. Essa liberdade aparece, portanto, como condição necessária para que o contrato seja feito.

¹³⁶ Idem. Ibidem.

¹³⁷ Idem. Ibid.

¹³⁸ MARX, Karl. O Capital. P. 135.

A segunda condição fundamental para que o trabalhador disponha apenas de suas características físicas para colocar à venda no mercado como uma mercadoria é de que este não possua meios de produção necessários para a criação de mercadorias. Ele possui apenas a sua força de trabalho e precisa, não somente do dinheiro (como salário), mas também dos instrumentos necessários para a produção de uma determinada mercadoria. Ou seja, somente numa sociedade constituída pela divisão social do trabalho, na qual existe a propriedade privada dos meios de produção é que possibilita a existência de mercadorias e a transformação do dinheiro em mais-valor, em capital. Nas palavras de Marx: “para transformar dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro precisa encontrar, portanto, o trabalhador livre no mercado de mercadorias, livre no duplo sentido de que ele dispõe, como pessoa livre, de sua força de trabalho como sua mercadoria, e de que ele, por outro lado, não tem outras mercadorias para vender, solto e solteiro, livre de todas as coisas necessárias à realização de sua força de trabalho”¹³⁹.

Essa condição do trabalho livre nos leva a perceber uma contradição fundamental desse sistema. De um lado, os trabalhadores são livres para vender suas forças de trabalho para obter dinheiro em forma de salário a fim de conseguirem se sustentarem, comprando outras mercadorias fundamentais para a sua subsistência. De outro, os proprietários dos meios de produção que possuem o dinheiro e também que se apropriam dos produtos do trabalho alheio. Desse modo, a igualdade se dá no âmbito da circulação, na medida em que o comprador da força de trabalho e o trabalhador estabelecem um pacto e trocam mercadorias. Mas o que está na base dessa condição é a desigualdade que movimenta esse sistema, pois ao trabalhador resta somente a sua força de trabalho a ser vendida no mercado, o que acarreta na transformação da capacidade fisiológica característica de toda pessoa em mercadoria. A produção de valor, o processo de objetivação do trabalho humano na mercadoria, está assentado nessa desigualdade, na privação dos meios de produção que, de um lado, garante a liberdade dos trabalhadores e, de outro, os torna dependentes dessa forma social, em que é necessário para a sobrevivência destes vender sua capacidade de trabalho.

Na circulação simples entre mercadorias, como vimos no capítulo sobre a mercadoria, constatamos já a contradição fundamental desse sistema. No entanto, é

¹³⁹ Idem. Ibid. p. 136.

nesse momento, na circulação mais desenvolvida, que percebemos a expansão da forma mercadoria para todos os âmbitos da sociedade capitalista, que possui como base o trabalho assalariado. Em uma nota, Marx enfatiza esse ponto: “O que, portanto, caracteriza a época capitalista é que a força de trabalho assume, para o próprio trabalhador, a forma de uma mercadoria que pertence a ele, que, por conseguinte, seu trabalho assume a forma de trabalho assalariado. Por outro lado, só a partir desse instante se universaliza a forma mercadoria dos produtos do trabalho”¹⁴⁰.

Essa igualdade no processo de circulação mais desenvolvida expande para todos os níveis da sociedade capitalista uma aparência de que o trabalhador possui as mesmas condições que o proprietário, ou podemos dizer também, o comprador da força de trabalho. Porém, o que essa igualdade oculta é o processo de exploração que ocorre no trabalho, uma vez que é nesse ponto que é extraída a mais-valia. No entanto, antes de nos atermos a esse ponto, vejamos mais acerca da igualdade de direitos presente na circulação entre mercadorias, na relação entre o trabalhador e o proprietário dos meios de produção.

Nos Grundrisse, Marx diz o seguinte: “Do mesmo modo, uma vez que obtém o equivalente na forma do dinheiro, na forma da riqueza universal, o trabalhador encontra-se nessa troca como igual frente ao capitalista, como qualquer outro participante da troca; ao menos de acordo com a *aparência*.”¹⁴¹ Essa aparência de igualdade constitui um dos momentos desse processo contraditório, que possui por base a desigualdade. Segundo Grespan, “a igualdade não é aparência ilusória da desigualdade verdadeira; é sua ‘forma de aparecimento’. Os homens se defrontam na esfera da circulação já em situações sociais opostas, mas também ainda como possuidores de mercadorias equivalentes”¹⁴². Ou seja, essa igualdade é fruto de uma relação social que põe a desigualdade como fundamento, onde os trabalhadores são separados dos seus meios de produção. Essa separação acarreta também na separação entre valor de uso e valor de troca, sendo esta última a expressão do valor que subordina os valores de uso como meios para a realização da troca. Assim, despojados dos meios necessários para a

¹⁴⁰ MARX, Karl. O Capital. P. 137. Nota de rodapé 41.

¹⁴¹ Idem. Grundrisse. P. 222.

¹⁴² GRESPAN. Jorge. O Negativo do Capital. P. 113.

produção, o trabalhador encontra somente a sua força de trabalho para vender, o que ocasiona a transformação desta em mercadoria.

Percebemos a crítica de Marx referente ao desenvolvimento do capitalismo. O trabalho não existe mais em condições de escravidão, o trabalhador é livre para escolher como dispende a sua força de trabalho. No entanto, essa igualdade esconde a desigualdade e a separação que ocorre no processo de produção do capital. Este só se valoriza quando se apropria do valor criado pelo trabalho, que precisa vender a sua força de trabalho para se manter. Grespan sintetiza esse aspecto do pensamento de Marx: “Entender as relações sociais burguesas apenas ou principalmente como sendo de igualdade, seria extrapolar o princípio vigente no seu momento não-fundamental para explicar o todo. Marx acredita que a igualdade é decisiva para distinguir o capitalismo dos outros modos de produção em que se obtém o excedente pela coerção violenta. Mas isto não significa que ela seja o fundamento do sistema, baseado, antes, na desigualdade, esta sim determinante da igualdade no mercado. A crítica de Marx é que apontar a igualdade como característica mais importante significa reduzir a relação entre capitalista e trabalhador à de comprador e vendedor da força de trabalho, quando, realmente, esta última relação existe porque o trabalhador é desapropriado dos meios de produção. Esta desigualdade é que permite a situação em que ambos aparecem como iguais, em que o trabalhador vende a sua mercadoria em troca de uma soma de dinheiro a ela equivalentes.”¹⁴³

Percebemos também o movimento contraditório característico desse sistema. A base desse sistema se dá na separação do trabalhador com seus meios de produção, sendo estes apropriados pelo capitalista, pelo comprador da força de trabalho. É uma separação e uma desigualdade que se transforma numa igualdade na esfera da circulação, o que define a relação entre equivalentes no processo de troca. É uma liberdade que liga os dois polos da circulação, pois o trabalhador precisa vender a sua força de trabalho e, da mesma forma, o comprador precisa da força de trabalho, de trabalho alheio para produzir lucro, para movimentar o capital. O que mostra cada vez mais a diferença desse sistema capitalista em relação aos demais é a necessidade desse momento de igualdade para a realização da mais-valia, pois não se encontra mais a

¹⁴³ GRESPAN. Jorge. O Negativo do Capital. P. 114.

hierarquia presente na organização do trabalho, como acontecia em sociedades antigas, baseadas na escravidão ou mesmo no sistema feudal. A liberdade, bandeira da revolução burguesa, esconde o processo de produção do qual reina a desigualdade fundante e a oposição interna constitutiva desse sistema.

Como o trabalhador só possui sua força de trabalho, esta é transformada em mercadoria e somente assim ele entra no processo de troca, visto nessa posição como equivalente ao comprador. A relação entre mercadorias, como vimos anteriormente ¹⁴⁴, mostra a troca entre duas mercadorias diferentes, na qual o valor de troca, estabelecido socialmente, rege a permutação entre elas. Nesse tipo de circulação, a mercadoria trabalho é trocada por dinheiro, o equivalente geral. E como estabelecer o valor da força de trabalho?

O valor estabelecido para a força de trabalho, “como o de toda outra mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho necessário à produção, portanto também reprodução desse artigo específico. Enquanto valor, a própria força de trabalho representa apenas determinado quantum de trabalho social médio nela objetivado.” ¹⁴⁵ Assim, é pago ao trabalhador as condições necessárias para que ele possa produzir determinado produto, condições que o mantem vivo para que ele possa continuar exercendo o seu trabalho, a produção de mercadorias. Nas palavras de Marx: “O tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde, portanto, ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência à manutenção do seu possuidor.” ¹⁴⁶ Ou seja, os ‘meios de subsistência’ fundamentais para ‘a manutenção’ da força de trabalho, para que assim ela continue exercendo a sua função pelo tempo estabelecido no contrato assinado com o comprador da força de trabalho.

A força de trabalho “só se aciona no trabalho”¹⁴⁷, isto é, ela se concretiza na atividade realizada no trabalho, na produção. No entanto, essa energia, a atividade

¹⁴⁴ A relação simples entre duas mercadorias, ponto analisado no capítulo sobre a mercadoria.

¹⁴⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 137.

¹⁴⁶ Idem. Ibid.

¹⁴⁷ Idem. Ibid.

humana dispendida, precisa ser repostada com o intuito de continuar efetuando seu trabalho. O trabalhador necessita de alimento, de vestimenta, etc., condições básicas para a realização do seu trabalho, por isso seu salário abrange essas condições necessárias para a continuação deste no mercado de trabalho. Além disso, é importante também que a força de trabalho se perpetue por meio de procriação, assim o salário do trabalhador também considera a parcela destinada a criação de filhos deste, de modo que a mercadoria força de trabalho seja sempre encontrada no mercado, passando de gerações entre os trabalhadores.

Não somente para a criação de filhos que o salário visa, como também para a formação, a educação determinada que possibilita ao trabalhador a compreensão e a efetuação de seu trabalho. Desse modo, “o valor da força de trabalho se resolve no valor de uma soma determinada de meios de subsistência”¹⁴⁸.

Assim, como a mercadoria-trabalho constitui uma especificidade das mercadorias, seu valor de troca consiste nessa soma de meios básicos para que ela continue repondo a sua energia e se encontre disposta a realizar o seu trabalho enquanto durar o contrato com o comprador da força de trabalho. “O limite último ou limite mínimo do valor da força de trabalho é constituído pelo valor de uma massa de mercadorias, sem cujo suprimento diário o portador da força de trabalho, o homem, não pode renovar o seu processo de vida, sendo portanto o valor dos meios de subsistência fisicamente indispensáveis.”¹⁴⁹ O trabalhador não se encontra mais na posição de sujeito, como dissemos, mas ele se transforma num indivíduo que compõe essa forma social originada pelo capital e, apesar da sua condição de liberdade, ele está a serviço sempre dessa condição, da necessidade de vender a sua força de trabalho, pois somente assim ele pode sobreviver nesse sistema.

A mercadoria trabalho possui também essa duplicidade característica da forma mercadoria, de um lado encontra-se o valor de uso e de outro, o valor de troca. O valor de uso da força de trabalho se dá com o consumo, com a efetivação desta capacidade no processo produtivo. O ponto que Marx ressalta é de que, diferente do que ocorre com a

¹⁴⁸ MARX, Karl. O Capital. P. 138.

¹⁴⁹ Idem. Ibid. p. 139.

mercadoria que analisamos no capítulo 2, aqui o valor de troca do trabalho é separado pelo tempo, isto é, depois de determinado tempo de trabalho é que o trabalhador recebe o salário pelo trabalho realizado. A produção de mercadorias por parte do trabalhador ocorre antes deste receber o seu salário, permitindo com que o comprador consuma essa capacidade de trabalho antes mesmo de efetuar o seu pagamento, assim, “por toda parte, portanto, o trabalhador fornece crédito ao capitalista”¹⁵⁰. O valor de uso da força de trabalho é vendido ao capitalista antes mesmo do salário ser recebido, pois é estabelecido pelo contrato que o trabalhador primeiro efetua o trabalho por um tempo determinado para depois receber o seu salário. O valor de uso dessa mercadoria fica nas mãos do capitalista e ele a consome na medida em que obtém a mercadoria produzida por este trabalhador.

Desse modo, o trabalhador encontra-se alienado do seu produto, da mesma forma que também está separado dos meios de produção e essa cisão constitui a forma específica ao qual o trabalho aparece nesse sistema. Marx, então, faz uma comparação com o trabalho humano e seu desenvolvimento, a fim de mostrar a ruptura que ocorre com o sistema capitalista e como a relação natural que o homem desempenha com o trabalho se inverte. Por isso, passaremos agora a tratar do processo de trabalho em geral.

O homem se diferencia dos animais pelo fato de que pode realizar o trabalho baseado em uma ideia acerca do que pretende desenvolver, diferentemente dos animais que se relacionam com a natureza por instinto, o homem possui a capacidade de pensar, de realizar um projeto antes de concretizar o seu trabalho. Ele transforma a matéria-prima encontrada na natureza em ferramentas para aprimorar o seu trabalho e condiciona a sua vontade ao fim determinado. E meio de trabalho, para Marx, “é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador coloca entre si mesmo e o objeto de trabalho e que lhe serve como condutor de sua atividade sobre esse objeto”¹⁵¹. É um instrumento necessário para que o produto de seu trabalho seja feito. E nesse processo o objeto é produzido, o que acarreta na produção de um valor de uso para o trabalhador, ou seja, “uma matéria natural adaptada às necessidades humanas mediante transformação da

¹⁵⁰ MARX, Karl. O Capital. P. 139.

¹⁵¹ Idem. Ibid. p. 143.

forma. O trabalho se uniu com seu objeto”¹⁵². O produto, desse modo, carrega as características do trabalhador e ele se identifica com o objeto que ele fez.

Os próprios meios de trabalho são resultados de trabalhos anteriores e no momento em que o trabalhador usufrui deles, o valor de uso presente nesses meios de trabalho possibilitam a formação do objeto projetado pelo trabalhador.

Além disso, esses meios de trabalho só podem produzir algo, só se realizam quando entram em contato com trabalho vivo, somente assim eles efetuam seu valor de uso na produção de um determinado objeto. “Na medida em que seu meio e objeto mesmos já sejam produtos, o trabalho consome produtos para criar produtos ou gasta produtos como meios de produção”¹⁵³. O trabalho, então, constitui o processo fundamental do metabolismo entre o homem e o seu entorno, na medida em que produz objetos capazes de satisfazerem suas necessidades. De acordo com Giannotti: “No processo, a atividade combina-se com o objeto e esse com o trabalhador, numa simbiose que termina com a humanização do produto e na efetivação do agente”¹⁵⁴. O produto feito não produz valor de troca, somente valor de uso, objeto destinado à satisfação das necessidades. O trabalhador aqui, nesse processo de abstração, é reconhecido no trabalho e não se encontra alienado dos meios de produção.

Essa oposição entre esse sistema geral e o sistema capitalista tem como meta estabelecer as diferenças, mas principalmente mostrar como o trabalho se realiza no sistema capitalista. O trabalhador “a partir do momento em que ele entrou na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, sua utilização, o trabalho, pertence ao capitalista. O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos constitutivos do produto, que lhe pertencem igualmente”¹⁵⁵.

Nesse momento, o trabalhador não possui mais as condições necessárias, os meios de trabalho para produzir um objeto que satisfaça as suas necessidades. Agora ele precisa

¹⁵² Idem. Ibid. p. 144.

¹⁵³ Idem. Ibid. p. 146.

¹⁵⁴ GIANNOTTI, José Arthur. Origens da Dialética do Trabalho. P. 224.

¹⁵⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 147.

recorrer ao processo de circulação, ao mercado, para vender a sua força de trabalho como mercadoria a fim de conseguir dinheiro, que por sua vez, compra também mercadorias que serão consumidas por este trabalhador. O produto feito por este, o valor de uso da sua força de trabalho, é consumida pelo capitalista, que comanda trabalho alheio para produzir mercadorias, estas, por sua vez, não estão mais no poder do trabalhador, mas passam a pertencer ao capitalista. Assim, “o processo de trabalho é um processo entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem” ¹⁵⁶.

É nesse momento que existe o valor, processo do qual o trabalho é peça fundamental. O trabalho visto no seu aspecto quantitativo, abstrato, encontra-se na mercadoria, cristalizado, na qual esta pode ser trocada. É trabalho humano indiferenciado, pois este apaga o trabalho concreto que produziu a mercadoria, porém isso só ocorre no processo de troca, na circulação entre mercadorias, o que condiciona, também, o trabalho a ter importância no momento da circulação, na medida em que este é trocado como uma mercadoria, camuflando o aspecto qualitativo do processo produtivo. Desse modo, o trabalho, nas palavras de Giannotti, “torna-se abstrato, simples dispêndio de energia indiferente às suas manifestações particulares e, como o produto também é trabalho, embora morto e incorporado à coisa, o trabalho aparece por toda parte: de um lado, força viva e abstrata pronta a entrar em ação; de outro, coisa substantivamente alterada e posta a serviço de um fim social predeterminado” ¹⁵⁷.

O trabalhador não se reconhece mais no seu trabalho, ele “perde sua estrutura natural (...) para ganhar novas determinações” ¹⁵⁸, antes existia o reconhecimento no produto final do trabalho, pois este lhe pertencia. No sistema capitalista, a força de trabalho e o seu consumo estão vinculadas ao capitalista, ao detentor dos meios de produção. A consequência dessa separação consiste também na caracterização da natureza dupla do trabalho, em trabalho abstrato e trabalho concreto, processo presente na circulação simples entre mercadorias e que se desdobra na circulação mais complexa, entre trabalho e capital. Como a finalidade do trabalho não é mais a produção de bens, de produtos para satisfazer a necessidades humanas, então nesse sistema o fim último do

¹⁵⁶ Idem. Ibid.

¹⁵⁷ GIANNOTTI, José Arthur. *Origens da Dialética do Trabalho*. P. 226.

¹⁵⁸ Idem. Ibid. p. 228.

trabalho vêm a ser a troca, a valorização cada vez mais intensa do capital. De acordo com Giannotti: “a finalidade desenvolvida por cada trabalho particular, que é sempre uma atividade orientada, fica subordinada em última instância ao objeto da produção capitalista: a valorização do capital, e, nas instâncias intermediárias, a cada categoria particular que se põe como um fim em si”¹⁵⁹.

Como se dá, então, esse processo de valorização? Em que âmbito é produzido o valor? Como vimos, o trabalho assalariado produz mercadorias com os meios de produção pertencentes ao capitalista. Esses meios de produção foram feitos, por sua vez, por trabalho, porém esse trabalho encontra-se no passado, morto e, portanto, cristalizado na forma de meio de produção. Este, assim como a força de trabalho, possui valor de uso na forma de consumo, ou seja, o capitalista consome a força de trabalho viva na medida em que este produz mercadorias.

Como o capitalista possui a mercadoria força de trabalho, já que a obteve no mercado em troca de dinheiro, do pagamento de salário ao trabalhador, então o produto do trabalho também se encontra nas mãos do capitalista. O valor de troca da força de trabalho consiste na manutenção dessa força física, no mínimo necessário que o trabalhador precisa para repor as suas condições básicas a fim de que ele continue exercendo o seu trabalho. O valor de uso é determinado na medida em que essa força de trabalho se atualiza no processo de produção, quando ela produz uma mercadoria. Como o valor de uso pertence ao capitalista, ele pode coagir o trabalhador a trabalhar a mais na produção de uma mercadoria, numa jornada de trabalho maior que a necessária para suprir suas condições básicas. De acordo com Grespan: “e isto é possível porque, despojado das condições para trabalhar, o assalariado só pode fazê-lo se aceitar as condições impostas pelo proprietário destas últimas. Assim, o valor das mercadorias produzidas deve ser maior que o inicialmente desembolsado – equivalente ao dos meios de produção e da força de trabalho – e o processo de trabalho se converte em meio para valorizar o valor inicial, subordinando-se ao processo de valorização”¹⁶⁰. Assim, portanto, é obtido o mais-valor, em cima da jornada de trabalho que o assalariado realiza.

¹⁵⁹ Idem. Ibid. p. 231.

¹⁶⁰ GRESPAN. Jorge. O Negativo do Capital. P. 106.

O processo de valorização se dá, então, em dois âmbitos, no processo de produção, quando o trabalhador dispense sua força a fim de produzir mercadorias e também, quando o capitalista vende a mercadoria produzida, alienada do trabalhador, por um valor maior do que aquele necessário para empregar o trabalhador e para adquirir os meios de produção. Percebemos o processo dialético, a oposição também presente na criação de valor. Segundo Marx: “Todo esse seguimento, a transformação de seu dinheiro em capital, se opera na esfera da circulação e não se opera nela. Por intermédio da circulação, por ser condicionado pela compra da força de trabalho no mercado. Fora da circulação, pois ela apenas introduz o processo de valorização, que ocorre na esfera da produção”¹⁶¹. O valor produzido dessa forma não contradiz o fundamento sustentado por Marx de que a troca se dá entre equivalentes, uma vez que o trabalho é trocado por dinheiro na medida em que eles possuem valor equivalente. O comprador efetua o pagamento da força de trabalho, estabelece um contrato que determina o salário do trabalhador, após certo tempo determinado de trabalho realizado. Esse pagamento compra a mercadoria trabalho que possui, como valor de uso, a característica de criar valor com os meios de produção fornecidos pelo comprador. Assim, este obtém a mercadoria produzida e deriva dela um mais valor, já que o trabalhador efetua um tempo a mais do que o necessário para pagar o seu valor de troca, do que aquilo que ele recebe como salário. O comprador vende, desse modo, a mercadoria produzida por um valor a mais do que aquele que ele pagou ao trabalhador, constituindo esse âmbito, o processo de produção e o processo de circulação, o meio em que a mais-valia se revela.

Não cabe ao nosso texto desenvolver as particularidades da mais-valia (como se desdobra a mais-valia relativa da mais-valia absoluta), o que nos interessa é mostrar que o trabalho é o responsável pela produção de mais-valor, processo que movimenta o capital. É nesse aspecto contraditório que se dá a mais-valia, no processo de produção e no processo de circulação, fato possível justamente porque se assenta na divisão da propriedade privada. E essa separação, presente na relação mais simples entre duas mercadorias, se mostra mais expressiva no processo de produção de mercadorias. E, por meio da exploração do trabalho, ponto que abordamos no início, obtém-se a produção de mais valia, acentuando cada vez mais a desigualdade que aparece, em certos momentos, na sua forma contraditória, como igualdade na relação contratual entre o

¹⁶¹ MARX, Karl. O Capital. P. 153.

proprietário dos meios de produção e o trabalhador assalariado. A dialética de Marx permeia todo o desenvolvimento do sistema capitalista e como de suas contradições se desdobram outras categorias, na qual a oposição nunca é resolvida, mas postergada em outras categorias.

5. O Fetichismo da Mercadoria

Esse termo fundamental é desenvolvido por Marx no final do primeiro capítulo do volume 1 de *O Capital*, após toda uma análise acerca da mercadoria e seu desdobramento na forma-dinheiro. E neste texto optamos por desenvolver e ressaltar a problemática desse conceito após uma análise das categorias de dinheiro e trabalho, pois de certa maneira o fetichismo ressalta a particularidade do valor expresso na mercadoria. Ele torna evidente o caráter social das relações vigentes nesse sistema, enfatizando a crítica feita por Marx à economia burguesa. Além disso, o fetichismo também se encontra presente nas categorias do trabalho, inclusive no desdobramento do capital, quando o trabalho assalariado se torna cada vez mais submetido ao proprietário dos meios de produção para produzir mercadorias e adquirir um salário. Da mesma forma, podemos mostrar a relação fetichista no circuito do dinheiro, já que este passa por um processo em que se torna cada vez mais autônomo em relação às mercadorias e principalmente, em relação aos produtores de mercadoria.

Como a mercadoria constitui a base para todos os desdobramentos posteriores, pretendemos mostrar a questão sobre o fetichismo com ênfase na natureza da mercadoria e sua relação de troca, com o intuito de destacarmos da relação mais básica do sistema aquilo que ele oculta, o seu valor.

A mercadoria por possuir uma dupla natureza aparece, de início, como algo estranho, pois ela não é somente valor de uso, porém também valor de troca e esse aspecto abstrato da troca nos remete a uma concepção metafísica do que venha a ser a mercadoria. A princípio, parece que algo externo, místico, determina o valor da mercadoria e a movimenta no processo de troca, saindo mesmo do controle das pessoas e possuindo movimento próprio, como se uma alma habitasse o corpo da mercadoria. O próprio Marx reformula esse problema: “De onde provém, então, o caráter enigmático do produto do trabalho, tão logo ele assume a forma mercadoria?”¹⁶².

O místico da mercadoria parece contradizer a proposta de Marx de desvendar as categorias econômicas desse sistema, mantendo a lei do valor, ponto que ele criticou

¹⁶² MARX. Karl. *O Capital*. P. 71.

nos economistas clássicos, em especial Smith e Ricardo, que entravam em contradição quando explicavam a sociedade capitalista, esbarrando em problemas que não conseguirão resolver. Uma das críticas fortes que mostramos foi a de que esses economistas, em certo momento, tomavam o trabalho ou o valor que constitui a sociedade burguesa de modo unilateral, sem mostrar as contradições presentes no modo de produção e de circulação do sistema capitalista.

Como mostrar, então, o desdobramento contraditório desse sistema, partindo de sua forma mais básica, sem, no entanto, perder inclusive a forma metafísica que a mercadoria apresenta na sua relação com outras mercadorias? Nesse ponto, a dialética de Marx tem como objetivo elucidar esses movimentos e mostrar porque a mercadoria aparece como possuindo valor próprio, o que ela oculta nessa forma enigmática. Jappe também mostra esse ponto: “a objectividade do valor não é nem algo puramente pensado, nem uma coisa fisicamente presente; não é possível apreender essa ‘quimera’ senão por intermédio de um instrumento muito especial, a saber, a lógica dialéctica”¹⁶³.

Com a dialética ele apreende o que está por trás da aparência da mercadoria. E Marx sintetiza muito bem o que vem a ser o enigma da mercadoria: “a igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material de igual objectividade de valor dos produtos de trabalho, a medida do dispêndio de força de trabalho do homem, por meio da sua duração, assume a forma da grandeza de valor dos produtos de trabalho, finalmente, as relações entre os produtores, em que aquelas características sociais de seus trabalhos são ativadas, assumem a forma de uma relação social entre produtos de trabalho”¹⁶⁴.

A mercadoria cristaliza o trabalho socialmente necessário, o valor que predomina e que movimenta o sistema capitalista. Os trabalhos, como dissemos, encontram-se privados, não sendo, portanto, imediatamente sociais. O que estabelece esse vínculo social e que possibilita a troca entre produtores privados (aqui no âmbito da circulação simples) é a mercadoria. “O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como

¹⁶³ JAPPE, Anselm. *As Aventuras da Mercadoria*. P. 179.

¹⁶⁴ MARX, Karl. *O Capital*. P. 71.

propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais”¹⁶⁵.

Como dissemos, o trabalho encontra-se privado, por conta da separação dos meios de produção¹⁶⁶, assim os trabalhadores privados não se relacionam diretamente com o todo social. A mercadoria produzida por eles é medida pelo tempo de trabalho socialmente necessário, o que anula as características singulares de cada trabalho. E a troca é necessária, pois o produtor não produz todos os produtos de que necessita, recorrendo ao mercado para obter mercadorias que possam ser consumidas. Ele vende as mercadorias que produz a fim de obter outras, o que estabelece o vínculo social entre produtores de mercadorias.

As mercadorias seriam, então, responsáveis por essa ligação social, como se elas próprias tivessem valor, como se este lhe fosse natural. O ponto aqui é que essa naturalização é a forma como o valor aparece na troca e que reflete uma sociedade baseada na divisão social do trabalho. A mercadoria, desse modo, parece transitar sozinha por entre as pessoas, como se ela determinasse a troca.

O trabalhador encontra-se alienado do seu trabalho, uma vez que este é produzido para troca. Assim, como ele não sabe o destino de sua mercadoria, a quem ela servirá de valor de uso, da mesma forma, ele também não reconhece o trabalho concreto que produziu a mercadoria que ele almeja obter, recorrendo a troca de mercadorias, da qual a sua tem pra ele apenas valor de troca. Como ele não se reconhece também na sociedade, a parte específica que lhe cabe na organização social, então a mercadoria passa a ser o ponto decisivo para a participação da riqueza em geral. Nesse ponto podemos entender o que Marx diz com o fato de que “o trabalho total” constitui uma “relação social existente fora deles”. O mundo passa, desse modo, a ser movido pelas

¹⁶⁵ Idem. Ibid.

¹⁶⁶ Na circulação simples, Marx analisa os produtores que vendem suas mercadorias, nesse ponto da exposição categorial ele ainda não mostra a separação entre trabalhador assalariado e capitalista. Aqui a separação se dá entre os produtores privados que não se reconhecem nos seus produtos, pois estes produzem para vender, para adquirir outras mercadorias que serão consumidas.

mercadorias. O aspecto físico da mercadoria aqui não é o que determina esse caráter metafísico, mas sim a construção social específica que permite a possibilidade de relações entre mercadorias. Segundo Marx: “a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho, na qual ele se representa, não têm que ver absolutamente nada com sua natureza física e com as relações materiais que daí se originam. Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação social entre coisas”¹⁶⁷.

Esse aspecto fantasmagórico é o que Marx denomina de fetichismo. A sua metafísica constitui aqui uma forma de se ver a realidade do processo capitalista, onde as mercadorias encontram-se revestidas de uma autonomia, sem ter relação com os produtores que as fabricaram, estabelecendo assim uma “relação social entre coisas”. Ruy Fausto ressalta esse aspecto metafísico do discurso de Marx: “a metafísica de seu discurso é a reprodução da metafísica do real. É o real, o capitalismo que é em certo sentido metafísico, e o discurso quase metafísico é por isso o verdadeiro discurso científico, assim como o discurso claro da ‘ciência’ se torna nesse caso inadequado. Marx sempre insistiu no fato de que por exemplo a mercadoria tem algo de misterioso, que ela é um objeto sensível supra-sensível etc. Para apreender esse tipo muito particular de objeto, é necessário um discurso que se ajuste a ele, isto é, um discurso que ponha essas abstrações objetivas como elas são efetivamente: como coisas sociais que reduzem os agentes a suportes.”¹⁶⁸

Essa exposição de Marx no decorrer dos desdobramentos lógicos das categorias do sistema capitalista mostra esse caráter duplo e contraditório da mercadoria e como essa característica permeia todas as outras definições que se originam nessa relação mais básica. E essa constituição da mercadoria é fruto da sociedade ao qual ela é produzida, a sociedade capitalista, onde o trabalho abstrato é o que determina o valor da mercadoria.

Quando se toma a mercadoria isolada, esse processo fetichista, a inversão das relações sociais, não aparece, não se coloca em evidência. É necessário observar a troca de mercadorias, uma vez que é nesse ponto que podemos ver a expressão do valor.

¹⁶⁷ Idem. Ibid.

¹⁶⁸ FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política I, p. 101.

“Somente dentro da sua troca, os produtos recebem uma objetividade de valor socialmente igual, separada da sua objetividade de uso, fisicamente diferenciada. Essa cisão do produto de trabalho em coisa útil e coisa de valor realiza-se apenas na prática, tão logo a troca tenha adquirido extensão e importância suficientes para que se produzam coisas úteis para serem trocadas, de modo que o caráter de valor das coisas já seja considerado ao serem produzidas.”¹⁶⁹

O valor das mercadorias é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário e elas são produzidas para troca. Nesse momento, na qual uma mercadoria é trocada por outra distinta, o valor abstrato, o trabalho comum socialmente necessário é expresso. Como dissemos, o trabalho encontra-se privado, então é necessário um produto que seja feito já pensado na troca e não somente para servir de valor de uso e essa duplicidade, portanto, é a característica fundamental da mercadoria. E nesse ponto, por produzirem mercadorias, o trabalho ganha um “duplo caráter social”¹⁷⁰. “Por um lado, eles têm de satisfazer determinada necessidade social, como trabalhos determinados úteis, e assim provar serem participantes do trabalho total, do sistema naturalmente desenvolvido da divisão social do trabalho. Por outro lado, só satisfazem às múltiplas necessidades de seus próprios produtores, na medida em que cada trabalho privado útil particular é permutável por toda outra espécie de trabalho privado, portanto lhe equivale.”¹⁷¹.

Os diferentes trabalhos que produzem as mercadorias diversas são negados na relação de troca, pois o valor apaga a singularidade de cada produto, de cada trabalho específico, mostrando apenas o trabalho abstrato que rege essa troca. Os produtores não estão conscientes dessa inversão, para eles o valor das mercadorias aparece nelas mesmas e não são derivadas de uma relação social específica que “transforma muito mais cada produto do trabalho em hieróglifo social”¹⁷².

¹⁶⁹ MARX, Karl. O Capital. P. 71.

¹⁷⁰ Idem. Ibid.

¹⁷¹ Idem. Ibid. p. 71-72.

¹⁷² Idem Ibid. p. 72.

Quando se toma o valor das mercadorias como intrínseco a elas, como natural, não se reconhece a especificidade social que a produz, acreditando, dessa forma, que esse tipo de organização social é o último a ser alcançado pela sociedade, não percebendo que o capitalismo também é transitório. “Todo o misticismo do mundo das mercadorias, toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho na base da produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiamos em outras formas de produção”¹⁷³.

Estudar então outras formas de organização social ressalta a particularidade dessa sociedade em que estamos inseridos e mostra a forma específica que o trabalho assume no sistema de produção de mercadorias.

Marx recorre a figura de Robinson Crusóé¹⁷⁴ na sua ilha e mostra como se dá a divisão do trabalho com uma pessoa, sem a troca. Na ilha, Robinson é responsável por várias atividades que preenchem o seu dia, como pescar, domesticar animais, caçar, construir ferramentas para poder caçar e para poder se abrigar. Assim, “apesar da diversidade de suas funções produtivas ele sabe que elas são apenas diferentes formas da atividade do mesmo Robinson, portanto, somente modos diferentes de trabalho humano.”¹⁷⁵ Nesse exemplo, o Robinson produz para sobreviver e se reconhece em todos os diferentes trabalhos que emprega. Nesse exemplo percebemos que existe também a divisão do trabalho empregado por uma pessoa, no entanto, não é somente por meio da divisão do trabalho que necessariamente existe a produção de valor, de mercadoria. O que ele produz são produtos que serão consumidos, sem serem utilizados para troca.

Na sociedade feudal também não existe produção de mercadorias. Diferente do que ocorre no exemplo de Robinson em sua ilha, na sociedade feudal existia uma enorme dependência de todas as pessoas nas mais diversas hierarquias, desde o senhor feudal até o servo, toda a produção tinha uma dependência social e o trabalho particular era social, tinha reconhecimento na organização feudal. E “justamente porque relações de

¹⁷³ Idem. Ibid. p. 73.

¹⁷⁴ Idem. Ibid.

¹⁷⁵ Idem. Ibid. p. 74.

dependência pessoal constituem a base social dada, os trabalhos e produtos não precisam adquirir forma fantástica, diferente de sua realidade.”¹⁷⁶ No feudalismo encontramos ainda mais forte do que no exemplo do Robinson a divisão social do trabalho e a hierarquia desses trabalhos, aqui os produtos são trocados, inclusive existe a equivalência entre produtos quando estes são trocados. No entanto, esses trabalhos são diretamente sociais e é por meio da sua particularidade que realizam a troca. “A forma natural do trabalho, sua particularidade, e não, como na base da produção de mercadorias, a sua generalidade, é aqui sua forma diretamente social. A corveia mede-se tanto pelo tempo quanto o trabalho que produz mercadorias, mas cada servo sabe que é certa quantidade de sua força pessoal de trabalho que ele despense no serviço do seu senhor. O dízimo, a ser pago ao cura, é mais claro que a bênção do cura.”¹⁷⁷. Diferente do que ocorre na sociedade produtora de mercadorias, no sistema feudal sabe-se o quanto foi dispendido de trabalho para outro, sabe-se inclusive o destino desse dispêndio, por isso a relação torna-se clara, assim como a quantidade certa destinada ao dízimo. Marx contrasta os diversos tipos de sociedade para enfatizar cada vez mais o aspecto particular da sociedade produtora de mercadorias. Portanto, mercadoria só existe na sociedade capitalista e só nela ocorre o fetichismo.

Na sociedade feudal o que vigorava era a hierarquia entre as diferentes funções. Quando o trabalho é comum, sem estabelecimento de hierarquias, isso também não acarreta na produção de valor, conseqüentemente na formação de mercadorias. Marx analisa “uma indústria rural patriarcal de uma família camponesa”¹⁷⁸, na qual produzem diversos produtos como cereais e linho, entre outros. Os trabalhos diferentes que realizam a produção desses itens estão organizados numa relação com o conjunto da família, tendo seus trabalhos determinados pelo tempo de trabalho que os membros particulares da família executam. A troca entre eles constitui uma permutação entre produtos, pois sua origem é determinada e o trabalho de cada um faz parte de um todo social constituído pela família. O excedente que se obtém da troca é distribuído entre eles. “O dispêndio das forças individuais de trabalho, medido pela sua duração, aparece

¹⁷⁶ Idem. Ibid.

¹⁷⁷ Idem. Ibid. p. 74.

¹⁷⁸ Idem. Ibid.

aqui, porém, desde sua origem como determinação social dos próprios trabalhos, porque as forças de trabalho individuais a partir de sua origem só atuam como órgãos da força comum de trabalho da família”¹⁷⁹. O tempo de cada trabalho está de acordo com a particularidade de cada trabalho, do quanto que precisa para produzir cereais, por exemplo, e do quanto necessário para se produzir uma peça de roupa. Ou seja, não existe aqui uma determinação social que impõe uma medida aos diversos trabalhos concretos. Por serem membros de uma família, eles possuem participação na distribuição do excedente, tendo conhecimento de seu trabalho particular no todo do trabalho social familiar.

Agora, numa “associação de homens livres, que trabalham com meios de produção comunais”¹⁸⁰, o trabalho é diretamente social, os diversos trabalhos são reconhecidos no todo social e seus trabalhadores estão conscientes de seus produtos e da sua participação na comunidade. E “o produto total da associação é um produto social”¹⁸¹, na medida em que todos participam da produção e da distribuição daquilo que a associação produz. Uma parte é destinada “como meio de produção”¹⁸² e a outra para consumo dos meios de subsistência a todos os participantes desse grupo. E Marx vai além: “só para fazer um paralelo com a produção de mercadorias, pressupomos que a parte de cada produtor nos meios de subsistência seja determinada pelo seu tempo de trabalho”¹⁸³. Esse tempo de trabalho seria responsável tanto pela organização dos diversos tipos de trabalhos, estabelecendo uma regulamentação adequada de cada tipo de trabalho, quanto pela participação de cada pessoa no trabalho comum social, assim como na partilha dos bens de consumo. Ou seja, aqui tampouco encontramos a produção de valor e de mercadorias.

O ponto é que numa sociedade produtora de mercadorias, a cisão característica desse sistema é que torna comum todos os trabalhos diferentes. Não se sabem a parte que cada

¹⁷⁹ Idem. Ibid. p. 75.

¹⁸⁰ Idem. Ibid.

¹⁸¹ Idem. Ibid.

¹⁸² Idem. Ibid.

¹⁸³ Idem. Ibid.

trabalho individual desempenha no todo social, somente o trabalho abstrato é que constitui a ligação com o todo social. O que denota a inversão entre trabalho concreto e trabalho abstrato. Assim, não é somente o tempo de trabalho que posiciona o trabalho abstrato como determinante, é antes, como vimos, uma forma social que ressalta o trabalho abstrato como uma generalidade singular, numa oposição em relação ao trabalho concreto.

Essa desigualdade constitutiva do sistema capitalista é constatada nos dois âmbitos aqui analisados, tanto na circulação simples como na circulação do capital.

Na circulação simples, os produtores se defrontam no mercado por meio de mercadorias, mas eles não sabem quem produziu a mercadoria que querem consumir e nem para quem a mercadoria deles será produzida, uma vez que é o mercado o responsável pela mediação social. As mercadorias se trocam, mas seus produtores não sabem do papel específico de seu trabalho na sociedade em que estão inseridos. Com o advento do dinheiro, o desdobramento da forma-mercadoria, o fetichismo fica mais claro, pois parece que o dinheiro possui valor em si mesmo e que é ele que atribui valor às mercadorias, como se ele estivesse fora da sociedade, constituído em outro âmbito, sem de fato perceber que dinheiro é a cristalização do trabalho socialmente necessário, a expressão do valor. O dinheiro ordena as trocas, pois para que a mercadoria seja vendida ela precisa de dinheiro e, para que seja comprada também necessita do dinheiro. As pessoas que realizam esse processo acreditam que o dinheiro é apenas uma convenção, estabelecendo o seu valor de modo aleatório. Mas esse aspecto de arbitrário esconde uma relação contraditória entre a mercadoria e o dinheiro e que, em última instância, como vimos no capítulo sobre o dinheiro, este deriva da forma mesma da mercadoria, de sua forma desdobrada. Assim, a análise do fetichismo também desvenda a aparência em que ele se manifesta.

Na circulação do capital a inversão fetichista fica ainda mais evidente, principalmente porque aqui o trabalhador não possui seus meios de produção, ele não se reconhece no trabalho que produziu e não produz para si mesmo, mas sim para o capitalista, o que detém os meios de produção. A única mercadoria que usufrui é a sua própria força de trabalho que é vendida no mercado. Nesse ponto, o trabalhador não se reconhece na sociedade, encontra-se cada vez mais isolado e só participa das relações sociais

comprando mercadorias que obtém por meio da venda da sua mercadoria que lhe é intrínseca, a força de trabalho. O valor, então, se torna cada vez mais autônomo e desprendido dos homens que o produziram, como se fosse de fato dotado de espírito próprio capaz de subordinar o trabalho humano para efetuar a sua própria reprodução.

A produção de valor ocorre numa sociedade em que o trabalho é privado, não sendo imediatamente social. O que torna a sociabilidade possível é a troca de seus produtos, que são valores de uso, mas que agora também possuem valor de troca e na relação com outra mercadoria, ele se expressa no valor de uso da mercadoria que se posiciona como equivalente. E é somente nesse tipo de sociedade que ocorre o fetichismo, essa inversão das coisas, em que elas passam a controlar e a organizar a vida das pessoas. E fazem na medida em que as pessoas não estão conscientes do movimento do capital que pode ser compreendido tendo como base a relação entre mercadorias. As pessoas não se reconhecem no todo social e só se relacionam na troca de mercadorias. A particularidade de cada trabalho, portanto, não é mais reconhecida e sim, o que constitui o valor da mercadoria, o tempo de trabalho socialmente necessário. Os trabalhos passam a ser reconhecidos como iguais, como homogêneos, trabalho humano.

Além do fetichismo da mercadoria ocorre, também, como um desdobramento desta, o fetichismo do dinheiro. Este é observado no processo de formação da mercadoria equivalente geral e nas particularidades que disso deriva. Recapitulando, na relação entre duas mercadorias, após o desenvolvimento da Forma III, o equivalente geral é aquele que se posiciona como a mercadoria que reflete ao outro extremo da relação, a mercadoria na posição de relativa, o valor que ela possui, o trabalho abstrato socialmente necessário que a produziu. O dinheiro, desdobramento dessa forma, possui o seu valor de uso negado e por conta disso expressa sempre em contato com outras mercadorias o valor de troca que elas trazem. De acordo com Grespan: “a ‘atividade’ da primeira mercadoria significa que através da relação com a outra ela expressa seu próprio valor, de modo que a relação com a outra é de fato relação consigo mesma através da outra, ou auto-relação mediada pela outra. Assim, enquanto auto-relação da mercadoria, a forma-relativa já é um primeiro momento do processo de autonomização do valor que culmina na constituição do capital”¹⁸⁴.

¹⁸⁴ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P. 76.

Nesse ponto, o dinheiro mostra o valor para as mercadorias relativas e inverte o processo, como se essas mercadorias possuíssem valor em si mesmas. Como o valor de uso do dinheiro é negado, o que ele reflete sempre é o valor de troca de todas as mercadorias. O fetiche encontra-se nessa inversão, em naturalizar o valor dessas mercadorias relativas, como se ele estivesse nelas mesmas e não fosse fruto da relação social com o dinheiro.

Segundo Marx: “Uma mercadoria não parece tornar-se dinheiro porque todas as outras mercadorias representam nela seus valores, mas, ao contrário, parecem todas expressar seus valores porque ela é dinheiro. O movimento mediador desaparece em seu próprio resultado e não deixa atrás de si nenhum vestígio. As mercadorias encontram, sem nenhuma colaboração sua, sua própria figura de valor pronta, como um corpo de mercadorias existente fora e ao lado delas.”¹⁸⁵ No desenvolvimento da mercadoria como equivalente, esta posição a coloca em negação com seu próprio valor de uso, refletindo apenas o valor de troca da mercadoria relativa. Com o advento do dinheiro, a mercadoria equivalente universal, o valor de uso não se encontra mais nesta posição, refletindo sempre o valor de troca de todas as mercadorias. A inversão ocorre neste processo, quando se acredita que são as mercadorias que possuem um valor intrínseco a elas e que tem o dinheiro como uma expressão. Não é mais o dinheiro que mostra o valor de troca delas, mas elas é que refletem o valor delas no dinheiro e esse processo ressalta a autonomização crescente entre esses dois tipos de mercadorias, a mercadoria relativa e a equivalente universal, o dinheiro.

Como diz Grespan: “o fetiche aqui não é tanto a transposição das relações sociais de troca na matéria do dinheiro – ouro ou prata – e sim a manifestação do poder social de comandar o trabalho dos outros indivíduos, como poder que o dinheiro confere a seus possuidores. Em outras palavras, se o indivíduo conquista poder social enquanto produtor de mercadorias, a autonomização do valor sob a forma-dinheiro faz o dinheiro aparecer como o que torna seu possuidor poderoso”.¹⁸⁶

¹⁸⁵ MARX, Karl. O Capital. P. 84-85.

¹⁸⁶ GRESPAN, Jorge. O Negativo do Capital. P, 77-78.

O fetichismo presente na sociedade capitalista mostra essa relação entre coisas como mediadoras das relações entre pessoas, caracterizando a forma social como esse sistema se constitui. O fetichismo do dinheiro mostra, de uma forma cada vez mais autônoma, o dinheiro e também as mercadorias, numa polarização cada vez mais intensa.

Essa sociedade fetichista na qual as coisas parecem dotadas de valor esconde a desigualdade fundamental que a constitui e que a impulsiona, por um movimento dialético, a produção cada vez mais progressiva de valor. Por ser contraditória, produz mais valor e mais desigualdades, se apropria cada vez mais da força de trabalho para criar mercadorias que, por sua vez, aparentam serem criações de outra natureza, escondendo o seu caráter social.

6. Conclusão

A mercadoria é a relação social fundamental para iniciar a investigação acerca da sociedade capitalista. O trabalho, o dinheiro também são mercadorias, mas para ressaltar a origem deles e suas particularidades é necessário remontar à mercadoria e mostrar com da relação simples entre duas mercadorias as demais formas desse sistema se constituem.

A crítica à economia política feita por Marx mostra justamente o ponto em que os economistas clássicos não conseguiram explicar, a origem do dinheiro. Além do mais, Smith e Ricardo não conseguiram formular uma lei do valor que abrangesse todas as formas de manifestação dessa sociedade, não formulando, por isso, a crítica a esse sistema transitório e produtor de desigualdades.

A análise da mercadoria ressalta essa desigualdade constitutiva do capital, pois mostra que sua natureza dupla, a saber, valor de uso e valor de troca, é contraditória. A mercadoria não é somente uma coisa que possui utilidade, que serve como valor de uso, mas é também valor de troca. O concreto da mercadoria porta o valor de troca que se revela na relação com outra mercadoria, na troca entre duas mercadorias distintas.

Assim como a mercadoria possui uma natureza dupla, o trabalho que a produziu passa, também, a ser visto de duas maneiras, como trabalho abstrato e como trabalho concreto. Sempre importante frisar que essa relação contraditória não exclui os termos opostos, é antes o movimento dialético estabelecido por Marx, na qual uma se expressa sempre negando a outra. O trabalho concreto, na medida em que ele produz uma mercadoria, nega o seu aspecto de trabalho abstrato. A mesma situação ocorre quando, mediante a troca de mercadorias, o trabalho abstrato se expressa negando o trabalho concreto de cada mercadoria em particular.

E dessa relação entre duas mercadorias é que surge o dinheiro, o equivalente universal das mercadorias. Marx ressalta que esse enigma não foi resolvido pelos clássicos da economia política, o que ressalta a importância de se conhecer a forma básica desse sistema, a mercadoria.

O dinheiro, como meio de circulação, desempenha papel fundamental na circulação simples entre mercadorias e ressalta a relação social desse sistema. Os produtores se situam isolados e não produzem mercadorias para seu próprio consumo, recorrendo ao mercado para adquirir outras mercadorias. O dinheiro é o meio pelo qual uma mercadoria é adquirida para o consumo.

No entanto, esse sistema não está baseado somente no consumo, como também na produção de mais dinheiro, assim, a circulação simples se desdobra para a circulação do capital e somente dessa forma o dinheiro se valoriza. Percebemos a total inversão de papéis, é o dinheiro agora transformado em capital que comanda o processo e subordina o trabalho assalariado a produzir mercadorias. O fetichismo é constatado em todos os processos assim como a desigualdade, que se acirra na circulação do capital, uma vez que nesse momento o trabalhador encontra-se destituído dos meios de produção, restando-lhe apenas a sua força de trabalho para vender no mercado.

Outro ponto fundamental tratado no nosso texto encontra-se na investigação do trabalho abstrato. O que vem a ser essa abstração do trabalho? Não é meramente uma maneira metafísica de se entender as relações sociais, é antes uma generalidade singular que impõe aos trabalhos diversos a característica abstrata, o que há de trabalho humano constitutivo de cada trabalho em particular. E essa característica existe somente numa sociedade em que reina a propriedade privada dos meios de produção. Uma desigualdade que só pode ser compreendida com o método dialético de Marx.

Assim, nosso trajeto pretendeu ressaltar a importância desse conceito básico de Marx que está longe de ser um conceito metafísico, antes mesmo ressalta o caráter metafísico dessa sociedade que se relaciona por intermédio das coisas, sem conhecimento do seu trabalho específico no âmbito social, o que acarreta numa alienação perante a sociedade e as pessoas. Ressaltar aqui esse aspecto contraditório da mercadoria evidencia também que esse sistema não é o último na escala evolutiva da humanidade, mas sim uma forma de organização transitória e também desigual.

7. Bibliografia

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. Para a Crítica da Economia Política; Salário, Preço e Lucro; O Rendimento e Suas Fontes. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. Teorias da Mais Valia: histórica crítica do pensamento econômico. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

JAPPE, Anselm. As Aventuras da Mercadoria: Para uma nova crítica do valor. Lisboa: Antígona, 2006.

_____. Crédito à Morte: a decomposição do capitalismo e suas críticas. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

ROSDOLSKY, Roman. Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx. Rio de Janeiro: EDUERJ; Contratempo, 2001.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Valor e Capitalismo: um ensaio sobre a economia política. São Paulo: Bial, 1987.

SMITH, Adam. A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. Volume I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RICARDO, David. Princípios de Economia Política e Tributação. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GIANNOTTI, José Arthur. Origens da Dialética do Trabalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

_____. Exercícios de Filosofia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

REICHELDT, Helmut. Sobre a Estrutura Lógica do Conceito de Capital em Karl Marx. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

FAUSTO, Ruy. Marx: Lógica e Política. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MANDEL, Ernest. A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx – De 1843 até a Redação de O Capital. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. O Negativo do Capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

_____. “A Dialética do Averso” in: Crítica Marxista nº 14. São Paulo: Boitempo, 2002, pp. 26-47.

_____. “Marx, crítico da teoria clássica do valor” in: Crítica Marxista nº12. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. Marx. Coleção Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2008.

RUBIN, Isaak. A Teoria Marxista do Valor. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SWEEZY, Paul M. Teoria do Desenvolvimento Capitalista. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

POSTONE, Moishe. Tempo, Trabalho e Dominação Social. São Paulo: Boitempo, 2014.

KURZ, Robert. O Colapso da Modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

NAPOLEONI, Claudio. Smith, Ricardo, Marx. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

DUMÉNIL, Gérard; LÖWY, Michel; RENAULT, Emmanuel. Ler Marx. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia Política: Uma Introdução Crítica. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BENOIT, Hector. “Sobre a Crítica (Dialética) de O Capital” in: Crítica Marxista nº 3. São Paulo: Boitempo, 1996.

GRUPO KRISIS. Manifesto Contra o Trabalho. Lisboa: Antígona, 2003.